



Marlei Gomes da Silva Malinoski

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO



Marlei Gomes da Silva Malinoski

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO



Universidade
Tuiuti do
Paraná

Todos os direitos desta edição reservados
à Universidade Tuiuti do Paraná.
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida
e transmitida sem prévia autorização.

Material
de uso
didático.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca "Sydney Antonio Rangel Santos"
Universidade Tuiuti do Paraná

M251 Malinoski, Marlei Gomes da Silva.

Comunicação e expressão/ Marlei Gomes da Silva Malinoski. - Ed. revista
e atualizada do livro de 2013. - Curitiba: UTP, 2024.
p. 111

E-Book
ISBN 978-65-89187-20-2

1. Comunicação. 2. Expressão. 3. Interpretação de texto.
I. Malinoski, Marlei Gomes da Silva. II. Título.

DD – 418.02



**Universidade
Tuiuti do Paraná**

Universidade Tuiuti do Paraná

Reitoria

João Henrique Faryniuk

Pró-Reitora Acadêmica

Samantha Manfroni Filipin

Pró-Reitoria Administrativa

Camille Barrozo Rangel Santos Prado Pereira

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

Bianca Simone Zeigelboim

Coordenação de Educação a Distância

Divisão Acadêmica

Marlei Gomes da Silva Malinoski

Divisão Pedagógica

Margaret Maria Schroeder

Analuce Barbosa Coelho Medeiros

Haydée Silva Guibor

Fernanda Carraro Dal Vitt

Divisão Tecnológica

Neilor Pereira Stockler Junior

Katia do Rocio Berrio da Silva Coture

Haydée Silva Guibor

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica

Haydée Silva Guibor

Marlei Gomes da Silva Malinoski

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO



Curitiba
2024

NOTAS SOBRE A AUTORA

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, mestre em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná, especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Tuiuti do Paraná e graduada em Letras/Português pela Universidade Federal do Paraná. Professora Titular da Secretaria Estadual de Educação e Professora Adjunta da Universidade Tuiuti do Paraná. Coordenadora da Coordenadoria de Integração das Licenciaturas da Universidade Tuiuti do Paraná e da Coordenadoria de Educação a Distância. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Formação de Professores, atuando principalmente nos seguintes temas: leitura, letramento, PISA, paradigmas, SAEB, PROVA BRASIL, ensino de língua e linguagem, práticas pedagógicas e formação docente.

ORIENTAÇÃO PARA LEITURA



Citação Referencial



Destaque



Dica do Professor



Explicação do Professor



Material On-Line



Para Reflexão

SUMÁRIO

Capítulo 1.1

FORMAS DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

Introdução ao Estudo	12
Objetivos do Estudo	12
Problematização	13
Conceituação do Tema	14
As Concepções de Linguagem e a Comunicação	14
Caracterização do Locutor e do Interlocutor do Texto	16
Texto 2 - Manhêêêê!	18
Sistematizando	20
Reflexões sobre o Tema	20

Capítulo 1.2

COMUNICAR-SE EM LÍNGUA PADRÃO: COESÃO E COERÊNCIA

Introdução ao Estudo	22
Objetivos do Estudo	22
Problematização	23
Conceituação do Tema	25
O Texto como Tecido	25
Coesão e Coerência Textual	27
A Função Discursiva	29

Capítulo 1.3

O EXERCÍCIO DE LEITURA DO TEXTO

Introdução ao Estudo	32
O exercício de leitura do texto	32
Objetivos do Estudo	32
Problematização	33
Conceituação do Tema	33
A leitura frente à compreensão	33
Quando nós lemos?	34
A relação texto e leitor	34
Ler como exercício de significação	36
Sistematizando	37

Capítulo 1.4

O EXERCÍCIO DE LEITURA DO TEXTO 2

Introdução ao Estudo	39
O exercício de leitura do texto: A caminho da produção textual	39
Objetivos do Estudo	40
Problematização	40
Conceituação do Tema	40
Sistematizando	47

Capítulo 2.1

GÊNEROS TEXTUAIS SEGUNDO MARCUSCHI

Apresentação	49
Introdução	49
Contextualização Histórica	49
Definição de Gêneros Textuais	50
A Teoria de Marcuschi	50
Principais Gêneros Abordados por Marcuschi	50
A Importância dos Gêneros no Ensino	51
Críticas e Contribuições	51

GÊNEROS TEXTUAIS: PERSPECTIVAS ATUAIS

Introdução	52
Gêneros Textuais no Mundo Digital	52
Definição Contemporânea de Gêneros Textuais	52
A Interdisciplinaridade dos Gêneros Textuais	53
Gêneros Textuais e Identidade	53
Desafios no Ensino de Gêneros Textuais	53

GÊNERO TEXTUAL: FORMA, CANAL E CONTEXTO COMUNICATIVO

Forma e Estrutura dos Gêneros Textuais	54
Canal de Comunicação	55
Contexto Comunicativo	55
A Interrelação entre Forma, Canal e Contexto	56
Conclusão	56

NÍVEIS DE LINGUAGEM

Coesão e Coerência	58
Leitura Interpretativa	58

Capítulo 2.2

GÊNEROS ACADÊMICOS

Gêneros Acadêmicos	60
Gênero Resumo	61
Conceito do Gênero	61
Diferença de Resumo e Paráfrase	62
Estruturação do Gênero Resumo	62
Explicação Detalhada de Cada Parte da Estrutura	62
Como Evitar Gerúndios no Resumo	63
Escrita Objetiva Versus Escrita Subjetiva	63

Gênero Resenha	65
Definição sobre Resenha	65
A Resenha Crítica	65
Estrutura do Gênero Resenha	65
Explicação de Cada Elemento da Estrutura	66
A Resenha como Gênero de Excelência na Academia	66
A Relação Resenha e Artigo Científico	66
 GÊNERO ARTIGO CIENTÍFICO	
Conceito	69
Estrutura	69
Forma de Apresentação	70
Tipo de Discurso	70
Revisão da Literatura	70
Constatação de Pesquisa	70
Exploração de Resultados	70
 RESUMO ESTENDIDO	
Definição	72
Características Principais	72
Estrutura Detalhada	72
Finalidade e Importância	73
 RELATÓRIO	
Definição	74
Estrutura	74
Utilização	75
Tipo de Discurso	75
Conclusão	75
 ANAMNESE	
Definição	76
Estrutura	76
Utilização	77
Tipo de Discurso	77
Responsabilidade Autoral	77
Comparação: Anamnese x Relatório	77
 GÊNEROS JURÍDICOS	
Petição	79
Conceito	79
Estrutura	79
Responsabilidade	80
Tipo de Discurso	81
Conclusão	81
Parecer Jurídico	81
Conceito	81
Estrutura	81
Aplicação	82
Responsabilidade	82
Tipo de Discurso	82
Conclusão	82
Despacho	83
Conceito	83

Estrutura	84
Aplicação	84
Responsabilidade	85
Tipo de Discurso	85
Conclusão	85
 Capítulo 2.3	
A ESCRITA DO TEXTO	
A Importância da Coesão e da Coerência na Escrita	87
Coesão: A Articulação entre os Elementos do Texto	87
Coerência: A Lógica e a Organização das Ideias	87
A Coerência Textual segundo Maria da Graça Costa Val	88
Continuidade Referencial	89
Progressão Temática	89
Exemplo de Texto com Recursos Coesivos em Destaque	90
Como os elementos são abordados	91
 Capítulo 2.4	
CURIOSIDADES LINGÜÍSTICAS	
Apresentação	93
Esse/este	94
Onde/A onde	95
Ao encontro/De encontro	96
Uso dos porquês	97
Pronomes Oblíquos	98
Próclise	98
Mesóclise	98
Ênclise	99
Uso do Hifen conforme o Novo Acordo Ortográfico	100
Sílabas	101
Definição	101
Importância da Acentuação na Escrita	101
 RECURSOS EXPRESSIVOS NA ESCRITA	
Pontuação Expressiva	104
Conclusão	105
 ESTILO E ESTRUTURA NA ESCRITA	
Tipos Textuais	106
O Uso do Parágrafo	106
Oração e Período	106
Termos da Oração	107
Complementos Verbais e Nominais	107
Verbos: Transitivos e Intransitivos	107
Complementos Verbais	108
Complemento Nominal	108
Termos da Oração em Aplicação Prática	108
Conclusão	108
 REFERÊNCIAS	110

CAPÍTULO 1.1

FORMAS DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

INTRODUÇÃO AO ESTUDO

Nosso foco será a aplicação dos conhecimentos da língua portuguesa em situações comunicativas, em que se privilegiará a quem se produz, para quem se produz e o contexto da produção.

OBJETIVOS DO ESTUDO

Os objetivos desse estudo serão:

- Compreender as representações da linguagem, seja oral ou escrita, como veículo primordial de comunicação, sabendo que o sujeito a interpretará de acordo com sua cultura, valores e o modo de ver o mundo;
- Adequar a comunicação e a expressão oral e escrita ao contexto acadêmico.

PROBLEMATIZAÇÃO

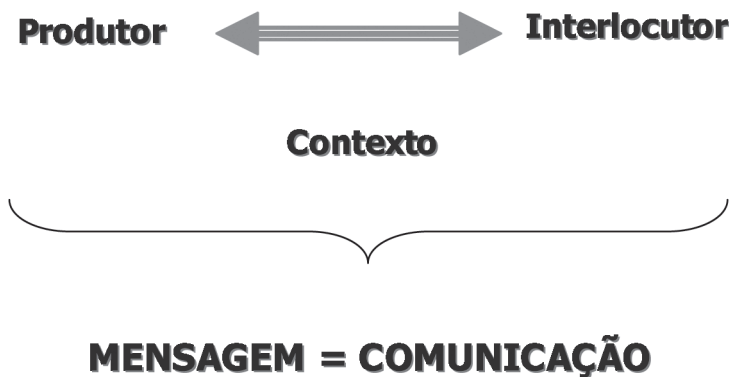
Quando existirá mensagem comunicativa?

Para que haja mensagem, faz-se necessário uma perfeita relação entre produtor e interlocutor, que serão os agentes da mensagem e que irão organizá-la dentro de um código, podendo ser a língua portuguesa ou qualquer outro símbolo, desde que referenciado e acordado entre produtor e interlocutor. O código para ser perfeitamente compreendido deve, também, relacionar-se a um contexto comum entre os agentes da mensagem; produtor e interlocutor.



Interlocutor. De acordo com Bakhtin (1997) a construção da mensagem se dará quando o produtor ou interlocutor da mensagem se servir da língua para suas necessidades enunciativas concretas, utilizando formas normativas num dado contexto concreto.

Veja o gráfico:



CONCEITUAÇÃO DO TEMA

AS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E A COMUNICAÇÃO

De acordo com *Ingedore Villaça Koch*, a linguagem e dela a comunicação vem, historicamente, sendo concebida pela humanidade com base em três princípios: como apresentação do mundo e do pensamento; como instrumento de comunicação e como forma de ação e interação.

A mais antiga delas, sem dúvida, é a primeira, mas isso não significa que não haja seguidores desse e dos demais pensamentos. Na primeira concepção a linguagem é vista como sendo uma forma de refletir o pensamento do homem.



KOCH, Ingedore V. *A Inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Cortez, 1995. pp 9-12.

A segunda concepção trata a linguagem como um veículo para transmissão de informações. A terceira concepção é a que percebe a linguagem como forma de ação, ou seja, *a linguagem é a ação social sobre a língua, que gerará comunicação*, essa será nosso objeto de estudo.

De acordo com Geraldi, a Língua e seu ensino, ao contemplar seu caráter evolutivo, identifica-se com o processo de viver e com o processo de interagir. Sua função primordial é a comunicação e se não for capaz de produzi-la e se não identificada com o meio social, não se efetiva, pois não se percebe seu reflexo na ação cidadã de compreender e interagir com a linguagem social.

De acordo com a concepção interativa da linguagem, a aprendizagem não se reduz à transmissão de conteúdos gramaticais unidirecionados, estes passam a ser a estratégia para proporcionar ao aprendiz a interação social como cidadão crítico,

dentro de um modelo educacional, por sua vez capaz de analisar, representar, investigar e contextualizar fatos por meio das práticas da escrita, da leitura e da oralidade.

O PROCESSO ESTABELECIDO NA COMUNICAÇÃO

O processo de comunicação se dá pela plena compreensão de três aspectos: Linguagem, Língua e Discurso.

Linguagem – Todo e qualquer processo comunicativo, que responda as necessidades de uma relação entre um produtor e um interlocutor.

As cartas, relatórios, e-mails, artigos e demais gêneros textuais, são processos comunicativos. Sua mensagem será compreendida a medida que a comunicação estabelecida obedeça as relações entre produtor, interlocutor e contexto.

O processo comunicativo sempre levará em conta o que se diz, para quem se diz e como se diz.

Linguagem não-verbal – É a comunicação através de símbolos, ícones, desenhos ou qualquer outra forma que não utilize, obrigatoriamente, signos construídos em linguagem alfabética.



Linguagem verbal— É a comunicação através de signos alfabéticos (ocidental) ou ideogramas (oriental) comuns de uma mesma sociedade e compreensível para todos os indivíduos. Organizada pela função discursiva, é composta por *função semântica e função sintática, ambas organizadas e estruturadas pela gramática.*

Funções da Linguagem



Função Semântica - É a compreensão da palavra em seu contexto.

Função Sintática - É a organização da palavra na frase obedecendo às regras gramaticais.

Função Discursiva - Funções semântica e sintática aplicadas ao texto discursivo.

PRIMEIRA REFLEXÃO

“O que quer,
o que pode
essa língua”



Depende estritamente da necessidade e do código escolhido pelo emissor para estruturar a mensagem com o interlocutor.

Mensagem é a informação construída pelo emissor que só chegará ao interlocutor pela perfeita seleção do código.

Observe os textos abaixo:

CARACTERIZAÇÃO DO LOCUTOR E DO INTERLOCUTOR DO TEXTO

Para identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto, o leitor deve ser capaz de identificar quem fala no texto e a quem este se destina, reconhecendo as marcas linguísticas expressas.

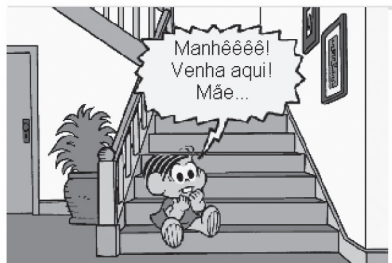
Como pode ser observado nos itens a seguir, muitos elementos do texto podem indicar o locutor e o interlocutor. Entre eles, podemos citar a variante linguística e o registro usado, o vocabulário, o uso de gírias e expressões, o suporte, os aspectos gráficos, etc. Para tanto utilizamos a questão do ENEM (1998) que representa bem as variações linguísticas.

O texto mostra uma situação em que a linguagem usada é inadequada ao contexto. Considerando as diferenças entre língua oral e língua escrita, assinale a opção que representa também uma inadequação da linguagem usada ao contexto:

- a) “o carro bateu e capotô, mas num deu pra vê direito” - um pedestre que assistiu ao acidente comenta com o outro que vai passando.
- b) “E aí, ô meu! Como vai essa força?” - um jovem que fala para um amigo.
- c) “Só um instante, por favor. Eu gostaria de fazer uma Observação” - alguém comenta em uma reunião de trabalho.
- d) “Venho manifestar meu interesse em candidatar-me ao cargo de Secretária Executiva desta conceituada empresa” - alguém que escreve uma carta candidatando-se a um emprego.
- e) “Porque se a gente não resolve as coisas como têm que ser, a gente corre o risco de termos, num futuro próximo, muito pouca comida nos lares brasileiros” - um professor universitário em um congresso internacional.

TEXTO 2 - Manhêêêê!

Texto criado utilizando o CD-ROM: *Quadrinho da Mônica de Maurício de Souza*.





SISTEMATIZANDO

Língua - é um verdadeiro código social à disposição dos indivíduos da comunidade, para a comunicação. Um código criado pela própria comunidade e que espelha a sua cultura e se transforma num importante fator de unidade nacional.

Linguagem - é a utilização oral (fala) ou escrita da língua. Em tal sentido é que empregamos a palavra nas expressões *linguagem oral* e *linguagem escrita*. Trata-se de uma acepção estrita. Num sentido mais genérico, linguagem seria qualquer sistema de sinais de que se valem os indivíduos para se comunicar.

REFLEXÕES SOBRE O TEMA

DISCUSSÃO EM CONTEXTO - RESPONDA AO QUE SE PEDE:

Analisando o texto *Manhêêêê!* podemos dizer que:

- 1) Não corresponde às expectativas do leitor no que se refere ao emissor da mensagem?
- 2) O uso do travessão, nesse caso, indica ao leitor que se trata de um texto que recupera que tipo de linguagem?
- 3) Você considera realmente que falar a modalidade padrão da língua portuguesa para os jovens é denotação de ser brega? Explique.
- 4) O tipo de discurso utilizado pela adolescente em *Manhêêêê!* deu-se por estar em uma situação não formal? Caso o texto fosse reconstruído em linguagem padrão, que elemento essencial ele perderia? Discuta o contexto e adequação do discurso.

CAPÍTULO 1.2

COMUNICAR-SE EM LÍNGUA PADRÃO: COESÃO E COERÊNCIA

INTRODUÇÃO AO ESTUDO

Nossas experiências, como leitores, antecipam nossa leitura, visto que conforme: a tipologia textual; nossa familiaridade com o texto e o reconhecimento do universo discursivo é que estabeleceremos relações leitoras maiores. São nossos eventos de letramento, que quanto maiores mais ampliarão nossas representações sobre o lido.

Ler passa a ser o processo pelo qual se compreende a língua escrita. Pois envolverá: a decodificação, quanto mais significativa e familiarizada, melhor; a inferência, determinada pela proximidade conceitual entre o texto e o leitor e as suposições promovidas por ambas a respeito do texto. Assim, o leitor quanto mais familiarizado com o texto será capaz de prever fatos ou até mesmo impor inferências na ordem que se dará a estrutura textual.

OBJETIVOS DO ESTUDO

Devemos compreender ao ler e produzir textos os recursos lingüísticos de análise, o conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento da linguagem e sobre o sistema lingüístico. Compreender as unidades de relação, código e significado, e sua aplicação no contexto, bem como perceber e reconhecer os valores sociais implicados nas diferentes variedades do português e sua adequação as intenções discursivas.

PROBLEMATIZAÇÃO

QUE É TEXTO?

A escrita, ao representar em textos, contempla uma possibilidade do discurso polifônico transcrita na intertextualidade, pois se organiza em torno do já dito, nesse caráter percebemos a polifonia, termo introduzido na ciência da linguagem por Bakhtin, que define às múltiplas possibilidades no discurso existentes pela percepção da palavra do outro.



Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. (BAKHTIN, 2000, p. 113)

Barthes (1985) enuncia que o prazer do escritor é diferente do prazer do leitor o primeiro busca seduzir o segundo. Metaforicamente em um *Tao* da Teia, um texto se apresenta como um emaranhado de fios tecidos como o caminho no qual o escritor deixa impregnada sua essência, suas percepções que conduzem a uma subjetividade que o leitor identificará como individualidade, na compreensão, pois, ecoará com suas representações da palavra e o seu prazer no texto. Cria-se, então, um território comum aos dois, possibilitando compreensões e relações.



Tao: palavra oriental que significa algo indefinível, que não pode ser posto em palavras, pois, remete-se a subjetividade construída entre o produtor do texto e seu interlocutor/leitor. O Tao é uma metáfora utilizada por Ana Maria Machado em Texturas: sobre leituras e escritos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. A Teia, aqui, refere-se ao neologismo utilizado por Roland Barthes em o Prazer do Texto: Editora Perspectiva. São Paulo, 1996. “(...) o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura – o sujeito desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia. Se gostássemos dos neologismos, poderíamos definir a teoria do texto como uma hifologia (hiphos é o tecido e a teia da aranha)”. (Barthes, 1996, p. 83).



(...) Para compreender textos , não basta que ele ocupe um lugar, é necessário que ele produza uma atividade. . Para a compreensão de textos são necessários além do conhecimento lingüístico conhecimentos , experiências , etc . que são classicamente analisados relativamente a sujeitos psicológicos, e não a posições. (Possenti, (1992) p. 16.

CONCEITUAÇÃO DO TEMA

O TEXTO COMO TECIDO

Gustavo Bernardo, (2000, p.45) afirma sobre as palavras em um texto que “As palavras são tecidos a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais e em todos os domínios....”

Sole, 1998 analisa que o ato de ler é um processo de compreensão da linguagem escrita, por isso o reconhecimento textual, os recursos estilísticos favorecerão a leitura.

Solé, 1998 afirma não haver textos e leituras desprezíveis, uma vez que o envolvimento entre o leitor e o texto, dependerá de suas intenções e dos significados por ele atribuídos.



“(...) a idéia principal, o resumo, a síntese se constroem no processo da leitura e são produto da interação entre os propósitos que a causam, o conhecimento prévio do leitor e a informação aportada pelo texto. (SOLÉ, 1998 p.31).

Ler e compreender são palavras que podem se relacionar a várias acepções semânticas, diretamente relacionadas ao pensamento daquele que as produz. São palavras, e antes mesmo de defini-las, torna-se importante ressaltar sua implicação como tal. A forma como se pensa uma palavra é que constrói o seu significado. Não é simplesmente o conteúdo de uma palavra que se altera, mas o modo pelo qual a realidade é generalizada e refletida em uma palavra.

O significado dicionarizado de uma palavra não passa de uma potencialidade que se realiza de formas diversas. As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência cultural da sociedade.

Pense na palavra FOME:

O dicionário

(fo.me)

sf.

Necessidade, desejo de comer: Ao meio-dia todos já estão com fome.

Falta de alimento: A fome ainda é um problema mundial.

Escassez, miséria, penúria (salário de fome).

Fig. Vontade intensa; AVIDEZ: fome de ganhar dinheiro; fome de (jogar) bola.

[F.: Do lat. fames, is.]



Referência:

http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=loadVerbete&pesquisa=1&palavra=fome#ixzz23jPXSTg

Veja na produção

As palavras que remetem:

FOME

DESEJO

AVIDEZ

FALTA

MISÉRIA

Possíveis tramas textuais:

Não sinto fome somente de comida.

Não sinto desejo somente de comida.

Sinto falta da humanidade.

Sinto fome por humanidade.

Estou ávida por justiça.

Estou faminta por justiça.

Como visto no exemplo, as implicações do ato de ler e escrever, para uma sociedade, estão relacionadas às implicações políticas e à compreensão crítica, que não se esgotam na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra.

Defini-se, então uma perspectiva interativa para a leitura, pautada nas experiências prévias do leitor sobre o lido, que envolverão sua compreensão semântica da palavra, abarcando significação, decodificação e estruturas textuais.

Defini-se, então uma perspectiva interativa para a leitura, pautada nas experiências prévias do leitor sobre o lido, que envolverão sua compreensão semântica da palavra, abarcando significação, decodificação e estruturas textuais.

COESÃO E COERÊNCIA TEXTUAL

Veja um trecho da tradução de Augusto de Campos para o Jaguadarte.

Observe o exemplo transcrito da obra: “Aventuras de Alice Através do Espelho” de Lewis Carroll.

(Conversa de Alice com Humpty Dumpty sobre o poema Jaguadarte)

*“Era briluz. As lesmolisas touvas
Roldavam e reviam nos gramilvos.
Estavam mimsicais as pintalouvas
E os momirratos davam grilvos”.*

- Basta, para começar – interrompeu Humpty Dumpty. - Há uma porção de palavras intrincadas aqui. “Briluz” significa o brilho da luz às quatro horas da tarde, quando se passa a cena descrita nos versos.

- Agora ficou claro – disse Alice

- Agora ficou claro - disse Alice. - E “lesmolisas”?

- Ora, significa “lisas como lesmas”. Veja bem, é uma palavra-valise: dois significados embrulhados numa palavra só.

Ah, estou entendendo - comentou Alice pensativamente. - E o que são “touvas”?

- Bom, as “touvas” têm algo de toupeiras, algo de lagartos e algo de saca-rolhas, e têm pêlos espetados como escovas.

- Devem ser bichos muito esquisitos.
- E são - disse Humpty Dumpty. – Fazem ninhos nos relógios de sol e se alimentam de queijo.
- E o que é “roldavam” e “relviam”?
- “Roldavam” significa que os bichos rodavam em roldão; e “relviam”, que eles se revolviam na relva. “Roldar” também pode ser girar como uma roldana.
- E “gramilvos”, aposto, devem ser os tufo de grama plantados em torno dos relógios de sol, onde se ouvem os silvos das serpentes - disse Alice, espantada com a sua própria sagacidade.
- Exatamente, é isso. Quanto a “mimsicais”, significa “mimosas e musicais” (e aí tem você outra palavra-valise). E “pintalouvas” são aves canoras meio pintassilgos e meio louva-a-deus.
- E “momirratos”, que é? - perguntou Alice. - Espero não estar lhe dando muito trabalho.
- Bom, “ratos” não precisa explicar. Mas “momi” não sei bem o que é. Talvez venha de “momices”, isto é, caretas e trejeitos. E lembra também as festas de Momo, o carnaval. Assim, “momirratos” talvez sejam ratos careteiros ou carnavalescos, o que vem a dar no mesmo.
- E o que quer dizer “grilvos”?
- Penso que deve ser uma mistura de gritos com silvos bem agudos, com algo pelo meio parecido com o chiro dos grilos. Aliás, você ouvirá esse som em breve, talvez lá na floresta. E, ao ouvi-lo, ficará muito satisfeita, creio. Quem recitou coisas tão complicadas para você?
- Li num livro - disse Alice. (...).

Para compreender o texto Humpty Dumpty criou referências que, provavelmente, somente ele construía e representava. Para compreender o texto ele precisou criar uma situação (situacionalidade), buscar informações possíveis (informatividade), relacionar essas informações (intertextualidade), uma possível intenção (intencionalidade) do autor e o interlocutor, mas assim ele teceu um caminho possível para Alice. O texto passou a ter *Coerência* para o interlocutor.



Coerência textual: é o resultado da articulação das idéias de um texto; é a estruturação lógico-semântica que faz com que numa situação de interação verbais palavras e frases componham um todo significativo para os interlocutores.

Pois, a *coesão* o texto já mantinha. Veja:

*“Era briluz. As lesmolisas touvas
Roldavam e reviam nos gramilvos.
Estavam mimsicais as pintalouvas
E os momirratos davam grilvos”.*



Coesão: é uma espécie de laço que dá ao texto a unidade de *sentido ou a unidade temática*. Um texto estará coeso, quando reconhecermos que suas partes, palavras e parágrafos, não estão soltas ou fragmentadas.

A FUNÇÃO DISCURSIVA

Para se inferir o sentido de uma palavra ou expressão em um texto, três elementos se tornam essenciais e a relação que cada um tem dentro do contexto estabelecido. Os elementos são: o emissor, o código e o interlocutor da mensagem. A perfeita harmonia entre esses elementos é que possibilitam o surgimento da relação comunicativa.

O emissor estrutura sua ação comunicativa com base em um código a ser compreendido pelo interlocutor em um contexto que gere significação. O código aqui selecionado é o alfabético organizado na estrutura sintática e semântica da língua portuguesa.

A função semântica ou estrutura semântica é o sentido que as palavras carregam em determinado aspecto histórico-social.

A função sintática da palavra possibilita a sintaxe é como as palavras (vocábulos) se relacionam dentro da frase com sua função e aplicação específica.

Entre o emissor e o interlocutor deve existir perfeita compreensão destas funções para que haja uma função discursiva. Porém, apenas compreender o significado de uma palavra e sua função dentro de uma sentença organizada gramaticalmente não basta. Existem elementos de referências entre os agentes do discurso que se fazem importantes, como os fatores de relação no contexto ou os elementos interlocutivos.

A palavra torna-se, segundo Iser, (1996), Bakhtin, (2000), o código comum, que assegura a recepção de uma determinada mensagem, no caso o texto, mas o código só constitui o texto quando ao receber se estabelece, em potencial cognitivo o sentido da obra. Então, o ato de ler se relaciona com a consciência sobre o lido e a consciência estabelecida ao se escrever. É o encontro de duas necessidades, a de conhecer e a de se registrar.

A inferência de uma palavra dentro de uma mensagem depende da caracterização da mensagem no contexto a qual pertence em que inferir significa concluir um significado pertinente a um conceito.

A leitura e a ampliação da compreensão busca desenvolver a autonomia do sujeito, para que ele seja capaz de construir conceitos pertinentes ao texto lido e assim tornar-se capaz de elaborar a crítica. Dentro de uma possibilidade abrangente do diálogo, capaz de inferir à mensagem conhecimento, habilidades valores e atitudes frente à mensagem decodificada e ao contexto da linguagem.

Os processos de ensino e aprendizagem por suas características normatizadoras, muitas vezes excluem de seus processos o leitor como sujeito e agente histórico de seu conhecimento. Esquece-se a dialética da aprendizagem e parte para uma lateralidade elitizadora e excludente.

Ler e compreender um texto representado pela escrito está relacionado à coerência do escrito, sua essência. A essência de um texto é fruto de uma análise “empírica que envolve elementos pragmáticos como a intencionalidade, a aceitabilidade e a situacionalidade”. (VAI, 1991, p.19)

CAPÍTULO 1.3

O EXERCÍCIO DA LEITURA DO TEXTO

INTRODUÇÃO AO ESTUDO

O EXERCÍCIO DE LEITURA DO TEXTO

Ler é a interação entre o *leitor* e o *texto*, porém a interação dependerá de um *leitor ativo*, o ato de ler só se efetiva quando houver um encontro entre leitor e texto.



O leitor é considerado o sujeito que além de dominar os recursos de alfabetização sobre o escrito é capaz de articular conhecimentos sobre a palavra.

O texto: Como já estudado um texto é um veículo de comunicação, por isso deve manter seus elementos de coesão e coerência.

Leitor ativo é aquele que sistematiza a leitura, buscando compreensão e significação. Que cria hipóteses sobre o que está escrito frente aos seus olhos e enuncia a crítica.

OBJETIVOS DO ESTUDO

Discutir o ato de ler dentro de uma abordagem cultural, além da simples decodificação.

PROBLEMATIZAÇÃO

O que é ler?

Sempre compreendemos um texto?

CONCEITUAÇÃO DO TEMA

A LEITURA FRENTE À COMPREENSÃO

Ler e compreender são palavras que podem se relacionar a várias acepções semânticas, diretamente relacionadas ao pensamento daquele que as produzir. São palavras, e antes mesmo de defini-las, torna-se importante ressaltar sua implicação como tal. A forma como se pensa uma palavra é que constrói o seu significado. Não é simplesmente o conteúdo de uma palavra que se altera, mas o modo pelo qual a realidade é generalizada e refletida em uma palavra. O significado dicionarizado de uma palavra não passa de uma potencialidade que se realiza de formas diversas. As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo. Vigotski, 2000 afirma ser a palavra um microcosmo da consciência humana.



Assim, as implicações do ato de compreender estão relacionadas às implicações políticas e à compreensão crítica do ato, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra.

Saber ler e compreender é estar e sentir-se participativo como cidadão ativo, leitor ativo, aquele que tem consciência da sua responsabilidade individual, e que percebe a realidade que o circunda. (MION, 2002, p.33).

Defini-se, então uma perspectiva interativa para a leitura, pautada nas experiências prévias do leitor sobre o lido, que envolverão sua compreensão semântica da palavra, abarcando significação, decodificação e estruturas textuais.

Nossas experiências como leitores antecipam nossa leitura, visto que conforme: a tipologia textual; nossa familiaridade com o texto e o reconhecimento do universo discursivo é que estabeleceremos relações leitoras maiores.

QUANDO NÓS LEMOS?

Ler passa a ser o processo pelo qual se compreende a língua escrita. Pois envolverá: a decodificação, quanto mais significativa e familiarizada, melhor; a inferência, determinada pela proximidade conceitual entre o texto e o leitor e as suposições promovidas por ambas a respeito do texto. Assim, *o leitor quanto mais familiarizado com o texto será capaz de prever fatos ou até mesmo impor inferências na ordem que se dará a estrutura textual.*

A RELAÇÃO TEXTO E LEITOR

Yunes, 2002 compara o processo de ler com a dificuldade de apreensão de um idioma estrangeiro, afirma que estamos envoltos em um processo sintático-semântico, que vai além da memorização de um código ou estruturas equivalentes, esse processo dá forma ou conforma o mundo que extrapola ao condicionamento da decifração do código, pois envolve o *recorte antropocultural* de mundo e a inserção do sujeito nele.



Recorte antropocultural: O contexto no qual o homem está envolvido e sua cultura.



Gustavo Bernardo, 2000 afirma que “As palavras são tecidos a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais e em todos os domínios....”

Ao agir sobre o escrito o homem consegue ordenar sua história, tecê-la, que se torna linear e cronológica, o conhecimento passa a poder ser sistematizado, enfim racionalizado. A compreensão da escrita passa a ser uma tecnologia intelectual que teria um papel fundamental no estabelecimento de novas referências para a constituição do saber.

Como enunciado por FREIRE, 2003:



“O ato de ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra. Até mesmo historicamente, os seres humanos primeiro mudaram o mundo, depois revelaram o mundo e a seguir escreveram as palavras.”

Solé analisa que o ato de ler é um processo de compreensão da linguagem escrita, por isso o reconhecimento textual, os recursos estilísticos favorecerão a leitura.



“(...) a idéia principal, o resumo, a síntese se constroem no processo da leitura e são produto da interação entre os propósitos que a causam, o conhecimento prévio do leitor e a informação aportada pelo texto. (SOLÉ, 1998 p.31).

O texto passa a ser uma forma de ser do homem no mundo, um posicionamento leitor, retomando o termo utilizado por JOUVE, 2002 a relação do leitor com o texto não é um epifenômeno. Não há mágica ou divindade, o que existe é um trabalho de significação.

LER COMO EXERCÍCIO DE SIGNIFICAÇÃO

No ato de ler, têm-se diferenciado o processo de identificação alfabética e a compreensão sobre o lido. Ler está relacionado às inferências que o texto produz para e no leitor, identificar é apenas um dos processos da leitura, que não abrange o seu todo, caracteriza-se como ferramenta inicial que sozinha, desvinculada do contexto social e das inferências produzidas, pelo leitor, torna-se um ato vazio.

Veja o exemplo:

Era uma vez dois trafelno, Mirimi e Gissitar, os trafelno eporavam longe das perlogas. Num masto, porém, um dos trafelno, Mirimi, felnou que ramalia rizar e aror um perloga, Gissitar regou muito. Ele rurbia que Mirimi não rizaría mais da perloga. Gissitar felnou, felnou, regou, regou, mas nada, Mirimi estava lervado: ramalia rizar e aror uma perloga, no masto do Fabeti, Mirimi rizou muito lonto. No meio do Fabeti proceu Gissitar e os dois rizaram ateli, Gissitar não ramalia clenar Mirimi.

Analise as questões abaixo e veja como é possível respondê-las, mesmo sem compreender o texto:

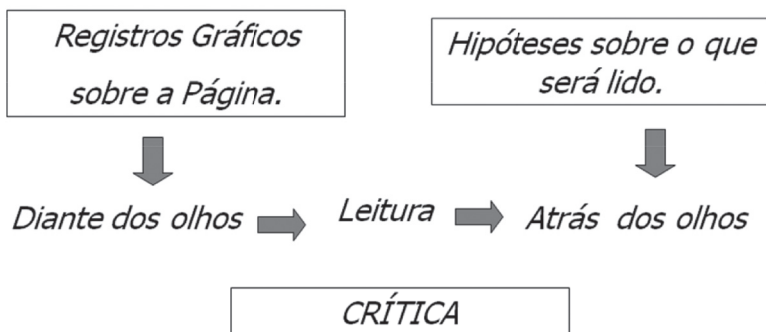
- 1) Quem eram os dois trafelno?
- 2) Onde eporavam?
- 3) O que aconteceu num masto?
- 4) Quem felnou?
- 5) Como Mirimi estava?
- 6) O que aconteceu no Masto do Fabeti?
- 7) Como Mirimi e Gissitar estavam?

Dentro das estruturas prévias, da capacidade decodificadora e na depreensão de resposta quanto a estrutura, trata-se de um texto, porém não se solidifica como tal, pois não possibilita ao leitor ativo depreender significados, a compreensão remete a elementos inferidos em um texto, que valorizam o leitor como ser histórico, não podendo compreender nada que não me inclua e fomenta a compreensão leitora.

O leitor ativo sofre alterações inclusive em seus estágios de leitura decodificadora, uma vez que antes de decodificar já relaciona hipóteses sobre o lido.

SISTEMATIZANDO

Veja a relação do texto com o leitor:



A título de ilustração vale a chamada de reportagem publicada na revista *Super Interessante* de setembro de 2004.



**É VERDADE QUE
PODEMOS LER UMA
FASRE EBMARAHADLA?**

**A bagunça
acima não é
culpa da biritá**

Brincadeira à parte, importante concordar com Isabel Sole na afirmação de que ler requer muito mais do que simples decodificação, porém decodificar pode ser um dos recursos leitores. O leitor deve ser ativo no seu processo de interação com o lido e para que isso se dê em plenitude a leitura deve ser encarada como meio e não fim em si mesma. O leitor ativo é o que busca frequentes significações.

CAPÍTULO 1.4

O EXERCÍCIO DE LEITURA DO TEXTO 2: A CAMINHO DA PRODUÇÃO TEXTUAL

INTRODUÇÃO AO ESTUDO

O EXERCÍCIO DE LEITURA DO TEXTO 2: A CAMINHO DA PRODUÇÃO TEXTUAL

De acordo com Kato 2003, a leitura no sentido restrito versa sobre os elementos constitutivos do texto. Inicialmente, devemos determinar alguns elementos como: quem; o quê; como; onde; quando e por quê.

Quem? – trata-se do autor do texto ou do meio de veiculação, pode se referir, também, à personagem, no caso de Narrativas, ou ao eu-lírico, no caso de poemas.



O quê? – é o tema ou título do texto – vale ressaltar que o título configura-se em algumas publicações como síntese do texto.

Como? – de acordo com a tipologia textual, o texto pode ser narrativo, descritivo ou argumentativo. O texto narrativo pode ser representado em prosa ou verso.

Onde? – meio de comunicação no qual o texto foi publicado – livro, revista, Internet, jornal, áudio (no caso de letra de música).

Por quê? – qual o objetivo do autor ao escrever o texto; o que ele espera transmitir ao leitor; o porquê de tê-lo escrito.

OBJETIVOS DO ESTUDO

Perceber as relações entre as ideias ao se ler e ao se produzir textos.

PROBLEMATIZAÇÃO

Como as ideias se articulam no texto?

CONCEITUAÇÃO DO TEMA

O texto –

Do latim *textum* – implica entrelaçamento, é um “tecido” constituído por vários fios ou palavras que irão compor um significado ao leitor. Ao ler um texto precisamos ir além do sentido superficial que ele nos apresenta. Para tanto, precisamos reconhecer os fios/palavras que o constituem.

Em um texto, os termos se organizam em uma espécie de entrelaçamento com a palavra-chave a fim de que seja estabelecida significação que resultará em sentido.

A *cibercultura* pode ser vista como herdeira legítima (embora distante) do *projeto progressista dos filósofos do século XVII*. De fato, ela valoriza a

participação das pessoas em comunidades de debate e argumentação. Na linha reta das morais da igualdade, ela incentiva uma forma de reciprocidade essencial nas relações humanas.

Do que Fala?



Cibercultura tem vários sentidos. Mas se pode entender por Cibercultura a forma sociocultural que advém de uma relação de trocas entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônicas surgidas na década de 70, graças à convergência das telecomunicações com a informática. a Internet e a sociedade.



Como fala?

Comparando ao projeto progressista dos filósofos do século XVII.



O que fala?

Participação das pessoas em comunidades de debates e argumentação.

Desenvolveu-se a partir de uma prática assídua de trocas de informações e conhecimentos, coisa que os filósofos do Iluminismo viam como principal motor do progresso.

(...) A cibercultura não seria pós-moderna, mas estaria inserida perfeitamente na continuidade dos ideais revolucionários e republicanos de liberdade, igualdade e fraternidade. A diferença é apenas que, na cibercultura, esses “valores” se encarnam em dispositivos técnicos concretos. Na era das mídias eletrônicas, a igualdade se concretiza na possibilidade de cada um transmitir a todos; a liberdade toma forma nos softwares de codificação e no acesso a múltiplas comunidades virtuais, atravessando fronteiras, enquanto a fraternidade, finalmente, se traduz em interconexão mundial.



Por quê?

Ponto alto da leitura – veja que nesse momento espera-se a compreensão sobre os objetivos do autor, sem juízo de valor.

LEVY, P. Revolução virtual. *Folha de S. Paulo*. Caderno Mais, 16 ago. 1998, p.3 (adaptado).



Quem Fala?

Pierre Lévy (Tunísia, 1956) é um filósofo da informação que se ocupa em estudar as interações entre a Internet e a sociedade.



Onde?

Publicado em jornal, no caderno “Mais”.

SÍNTESE DO TEXTO

Tem que conter os elementos: Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?



O texto *Revolução Virtual* publicado no Jornal Folha de São Paulo, caderno Mais, em agosto de 1998, trata o tema *Cibercultura* comparando o advento cultural ao projeto progressista do século XVII, quem que se privilegiava as relações humanas participativas e igualitárias. O texto assinado por Pierre Levy aponta o advento como uma forma de atravessar fronteiras e trazer a liberdade, por meio de softwares de codificações e de se estabelecer a fraternidade por meio da conexão mundial.

Os elementos asseguraram as ideias-chave, ou seja, os elementos de coerência do texto. Para construirmos a síntese precisamos entrelaçar as ideias com a coesão.

COMO SE DÁ A COESÃO TEXTUAL

Do ponto de vista gramatical, pode-se estabelecer a coesão textual por meio de conjunções em frases coordenadas e subordinadas.

- **Conjunções coordenativas** – unem orações independentes sintaticamente.

Para lembrar



Frase: Toda palavra ou conjunto de palavras que constitui um enunciado de sentido completo.

Oração: É a frase construída com um verbo ou uma locução verbal.

Período: É a frase formada por uma ou mais orações.

Entre essas orações é estabelecida uma relação lógico-semântica que é determinada pelas conjunções. Pode-se perceber isso nos nomes desses conectivos. Observe:

- *Aditivas:* e, nem, também, mas também ...

Ex.: Antônio Carlos Jobim compunha e tocava piano.

- *Adversativas:* mas, porém, todavia, contudo, entretanto...

Ex.: Esperei por notícias dela durante toda noite, contudo não as obtive.

- *Alternativas:* ou... ou, quer... quer..., seja... seja

Ex.: Sairei de qualquer forma, quer chova, quer faça sol.

- *Conclusivas:* logo, portanto, por isso...

Ex.: O time de vôlei venceu, logo está classificado.

- *Explicativas:* pois (antes de verbo), que, porque...

Ex.: Geou durante a madrugada, porque a grama está branca.

- **Conjunções subordinativas** – introduzem *orações* que integram o significado de outra, desempenhando uma função sintática.

- *Causais*: porque, visto que, como...

Ex.: As ruas da cidade ficaram alagadas porque a chuva foi muito forte.

- *Comparativas*: assim como, como, qual, tal qual...

Ex.: Ela é engraçada tal qual a irmã.

- *Concessivas*: embora, ainda que, posto que...

Ex.: “Que não seja imortal posto que é chama” (...)

- *Condicionais*: se, caso, salvo se, contanto que...

Ex.: Caso você mude de ideia, basta me telefonar.

- *Conformativas*: como, conforme, segundo...

Ex.: Enviei os originais, conforme a editora solicitou.

- *Consecutivas*: de modo que, de forma que...

Ex.: Os atletas se desgastaram muito, de modo que é necessário descanso.

- *Finais*: para que, a fim de que...

Ex.: Vim aqui a fim de que você saia comigo.

- *Proporcionais*: à medida que, ao passo que, à proporção que, quanto mais... (mais)...

Ex.: Quanto mais tempo passa, mais gosto de você.

- *Temporais*: quando, enquanto, logo que, sempre que...

Ex.: “Quando você foi embora fez-se noite em meu viver.” (...)

- *Integrantes*: que, se...

Ex.: Soubemos **que** ele chegará ao entardecer.

Do ponto de vista estrutural observaremos doze recursos, conforme Vianna.

- *Epítetos*: palavras ou frases que qualificam pessoa ou coisa.

Ex.: **Machado de Assis** é o autor de Dom Casmurro. **O autor** escreve o romance em primeira pessoa.

- *Nominalizações*: quando se emprega um substantivo que remete a um verbo enunciado anteriormente.

Ex.: Eles **foram cantar** para acalmar a fúria dos animais, porém, **o canto** era tão horrendo que foram devorados.

- *Palavras ou expressões sinônimas ou quase sinônimas*: palavras ou expressões que são equivalentes no texto.

Ex.: **A construção do prédio** levará cinco anos para ser concluída.

A obra necessitará de recursos extras.

- *Repetição de uma palavra*: somente quando não for possível substituir por outra ou necessitarmos reforçar o termo.

Ex.: **A escrita e a leitura** foram a forma primordial de expansão de conhecimento para a sociedade letrada. Sem o advento **da escrita e da leitura** o conhecimento ficaria restrito a oralidade.

- *Um termossíntese*: quando um termo sintetiza uma ideia já tratada.

Ex.: O Brasil, apesar de se preocupar com o nível de alfabetização, não implementa **recursos financeiros, capacitação profissional, informatização e melhorias estruturais** suficientes à educação.

A falta de **investimento** ocasiona prejuízos significativos.

Falta de investimento sintetiza os demais itens.

- *Pronomes*: a substituição direta de um substantivo por um pronome.

Ex.: Há uma grande diferença entre **Paulo e Maurício**. **Este** (Maurício) guarda rancor de todos, enquanto **aquele** (Paulo) tende a perdoar.

- *Numerais*: quando enumeramos fatos para melhor esclarecer.

Ex.: Recebi de você **duas fatídicas cartas**. A **primeira** me deixou desolada, pois terminava nosso relacionamento. A **segunda** confirmava o fato, pois você solicitava todos o seus pertences que comigo ficaram.

- *Advérbios pronominais* (aqui, ali, lá, aí): quando houver necessidade de indicar localização já enunciada.

Ex.: Já estamos há duas horas no shopping, **aqui** não me sinto bem. Gostaria de ir a sua casa. **Lá** me sinto tranquila. Acredito que haja um ponto de ônibus logo **ali**. Por favor, não fique **aí** parado, o ônibus já vai sair.

- *Elipse*: quando omitimos o nome, o qual fica subentendido, por exemplo, pela conjugação verbal direta (pode ser identificado pelo sujeito oculto).

Ex.: **A professora** explicou a importância da leitura para a humanidade globalizada. **Reafirmou** (a professora) que muitos avanços da tecnologia moderna só se efetivaram graças à democratização da leitura e da escrita, **fez** (a professora) menção ao fato de que no início do século XIX as mulheres não tinham pleno acesso à alfabetização, pois vivíamos em uma sociedade patriarcal e machista.

- *Repetição do nome próprio* (ou parte dele)

Ex.: **Machado de Assis** é o autor de Dom Casmurro. **Machado** escreveu o romance em primeira pessoa.

- *Metonímia*: é a substituição de palavras pela contiguidade semântica que mantém com outra.

Ex.: Sinto-me excluído da sociedade, não vejo respeito nenhum por meus **cabelos brancos**. A **velhice** deixou de ser reconhecida como sinônimo de experiência para ser sinônimo de incapacidade produtiva.

- *Associação*: uma palavra retoma a outra por vínculo de significação.

Ex.: Fome e miséria.

As pessoas passam **fome**, mesmo em capitais abastadas. A **miséria** se justifica pela má distribuição de renda.

COMO FOI APLICADA A COESÃO À SÍNTESE?



O texto *Revolução Virtual* publicado no Jornal Folha de São Paulo, caderno Mais, em agosto de 1998, **trata** o tema *Cibercultura* comparando o **advento cultural** ao projeto progressista do século XVII, em que se privilegiava as relações humanas participativas e igualitárias. **O texto**, assinado por Pierre Levy, aponta o **advento** como uma forma de atravessar fronteiras e trazer a liberdade, por meio de softwares de codificações e de se estabelecer a fraternidade por meio da conexão mundial.

Do ponto de vista estrutural foram utilizados os recursos:

- Trata – O texto **Revolução Virtual (ELIPSE)**
- Advento Cultural – (**TERMOSSÍNTESE**)
- O Texto – (**REPETIÇÃO**)
- O Advento – (**TERMOSSÍNTESE**)

SISTEMATIZANDO

Como visto, da leitura conseguimos nos posicionar para a escrita do texto. O ensino da leitura e da compreensão busca desenvolver a autonomia do sujeito, para que ele seja capaz de construir conceitos pertinentes ao texto lido e assim tornar-se capaz de elaborar a crítica escrita. Dentro de uma possibilidade abrangente do diálogo, capaz de inferir à mensagem conhecimento, habilidades, valores e atitudes diante da mensagem decodificada e do contexto da linguagem, possibilitando a efetivação da comunicação entre os sujeitos e a emancipação da cultura e do compreender o escrito.

Ao compreender o escrito o homem consegue ordenar sua história, que se torna linear e cronológica. O conhecimento passa a poder ser sistematizado, racionalizado. O ato de compreender o lido passa a ser uma tecnologia intelectual que teria um papel fundamental no estabelecimento de novas referências para a constituição do saber.

CAPÍTULO 2.1

GÊNEROS TEXTUAIS SEGUNDO MARCUSCHI

APRESENTAÇÃO

Os gêneros textuais, ao longo das últimas décadas, têm se consolidado como um campo de estudo fundamental na linguística aplicada e na educação, refletindo a dinâmica e a diversidade das práticas comunicativas em nossa sociedade. Em um mundo cada vez mais digitalizado, onde a comunicação assume múltiplas formas e atravessa diversas plataformas, compreender a natureza, a evolução e a aplicabilidade dos gêneros textuais torna-se imperativo. Este estudo busca mergulhar nas perspectivas contemporâneas sobre gêneros textuais, abordando sua manifestação no ambiente digital, sua inter-relação com o contexto comunicativo e sua relevância na construção de identidades e na prática educacional. Através de uma abordagem interdisciplinar, esta análise visa oferecer uma visão atualizada sobre os gêneros textuais, enfatizando sua importância como ferramentas de comunicação, expressão e aprendizado no século XXI.

INTRODUÇÃO

Luiz Antônio Marcuschi, renomado linguista brasileiro, trouxe contribuições significativas para o estudo dos gêneros textuais na linguística aplicada. Sua abordagem sobre gêneros textuais destaca a interação social e a comunicação como elementos centrais na formação e evolução dos gêneros. Este texto busca explorar a perspectiva de Marcuschi sobre gêneros textuais, destacando sua definição, características e relevância no ensino de língua portuguesa.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Historicamente, o conceito de gênero textual tem suas raízes na retórica clássica, mas foi somente nas últimas décadas que o tema ganhou destaque nos estudos linguísticos. A transição de estudos focados em tipologias textuais (narrativo,

descritivo, argumentativo, etc.) para gêneros textuais reflete uma mudança de perspectiva: de estruturas linguísticas para práticas sociais de linguagem.

DEFINIÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS

Diferentemente dos tipos textuais, que se referem a estruturas linguísticas e modos de organização do discurso, os gêneros textuais são fenômenos sociodiscursivos que emergem das práticas comunicativas da sociedade. Marcuschi argumenta que os gêneros são entidades empíricas, moldadas e remodeladas na interação social. Eles não são abstrações linguísticas, mas sim formas reconhecíveis de ação social realizada por meio da linguagem.

A TEORIA DE MARCUSCHI

Para Marcuschi, os gêneros são ações sociodiscursivas que se manifestam em textos concretos, produzidos em situações comunicativas específicas. Ele destaca quatro elementos que caracterizam um gênero textual: a situação comunicativa, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Estes elementos estão intrinsecamente relacionados e co-determinam a natureza de um gênero.

PRINCIPAIS GÊNEROS ABORDADOS POR MARCUSCHI

Marcuschi, em suas obras, discute uma variedade de gêneros, tanto orais quanto escritos. Ele destaca a fluidez dos gêneros, mostrando como eles podem se adaptar e evoluir com o tempo e o contexto. Alguns dos gêneros que ele aborda incluem:

- **Gêneros orais:** como conversas casuais, entrevistas, debates e discursos.
- **Gêneros escritos:** como artigos acadêmicos, crônicas, cartas, e-mails e

relatórios.

- **Gêneros da esfera jornalística:** como notícias, reportagens e editoriais.
- **Gêneros acadêmicos:** como dissertações, teses e artigos científicos.

A IMPORTÂNCIA DOS GÊNEROS NO ENSINO

Marcuschi destaca a relevância dos gêneros textuais como ferramentas didáticas. Ele argumenta que, ao trabalhar com gêneros em sala de aula, os educadores podem preparar os alunos para as práticas comunicativas reais que enfrentarão em suas vidas. Além disso:

- Os gêneros ajudam os alunos a reconhecer as características e estruturas de diferentes textos.
- Eles promovem a formação crítica, permitindo que os alunos analisem e questionem os textos que consomem e produzem.

CRÍTICAS E CONTRIBUIÇÕES

Apesar de suas contribuições significativas, a abordagem de Marcuschi sobre gêneros textuais não está isenta de críticas. Alguns estudiosos argumentam que sua definição de gênero pode ser muito ampla ou vaga. No entanto, é inegável que Marcuschi trouxe uma perspectiva fresca e inovadora para o campo, influenciando gerações de linguistas e educadores.

GÊNEROS TEXTUAIS: PERSPECTIVAS ATUAIS

INTRODUÇÃO

Os gêneros textuais têm sido objeto de estudo e discussão intensa nas últimas décadas, especialmente com a crescente digitalização da comunicação e a emergência de novos gêneros no ambiente online. Este texto busca explorar as perspectivas atuais sobre gêneros textuais, considerando as contribuições de diversos estudiosos e as novas realidades comunicativas.

GÊNEROS TEXTUAIS NO MUNDO DIGITAL

Com a popularização da internet e das redes sociais, novos gêneros textuais surgiram, como tweets, postagens em blogs, memes e stories. Estes gêneros, muitas vezes híbridos, desafiam as definições tradicionais e mostram a adaptabilidade dos gêneros às novas tecnologias e contextos sociais.

DEFINIÇÃO CONTEMPORÂNEA DE GÊNEROS TEXTUAIS

Os gêneros são agora vistos não apenas como categorias fixas, mas como entidades fluidas e dinâmicas que se adaptam e evoluem com o tempo e o contexto. Eles são moldados tanto por convenções sociais quanto por inovações individuais.

A INTERDISCIPLINARIDADE DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Estudos recentes sobre gêneros textuais têm adotado abordagens interdisciplinares, combinando insights da linguística, sociologia, antropologia e estudos de mídia. Isso reflete a complexidade e a multifacetada natureza dos gêneros.

GÊNEROS TEXTUAIS E IDENTIDADE

Os gêneros também são vistos como ferramentas para a construção e expressão da identidade. Por exemplo, a forma como os jovens se comunica em plataformas de mídia social, adotando certos gêneros e estilos, pode ser uma forma de afirmar sua identidade e pertencimento a um grupo.

DESAFIOS NO ENSINO DE GÊNEROS TEXTUAIS

O ensino de gêneros textuais enfrenta novos desafios em um mundo digitalizado. Educadores são chamados a preparar os alunos não apenas para reconhecer e produzir gêneros tradicionais, mas também para navegar e participar ativamente de ambientes comunicativos online.

GÊNERO TEXTUAL: FORMA, CANAL E CONTEXTO COMUNICATIVO

Os gêneros textuais são fenômenos linguísticos complexos que não podem ser compreendidos isoladamente por suas características estruturais. Eles estão intrinsecamente ligados ao canal de comunicação e ao contexto em que são produzidos e recebidos. Esta relação entre forma, canal e contexto é fundamental para entender a natureza e a função dos gêneros textuais.

FORMA E ESTRUTURA DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Cada gênero textual possui uma forma ou estrutura característica que o distingue de outros gêneros. Por exemplo, uma carta possui uma estrutura específica que geralmente inclui uma saudação, corpo do texto e despedida. Essa forma é moldada por convenções sociais e históricas e é reconhecível para os falantes de uma língua ou cultura.

Cada gênero textual tem uma forma ou estrutura distintiva, por exemplo:

- **Resumo:** É uma representação concisa do conteúdo de um texto, destacando suas ideias principais. Não inclui interpretação ou avaliação.
- **Resenha:** Combina síntese e avaliação. Apresenta um resumo do conteúdo e, em seguida, uma análise crítica, podendo ser de livros, filmes, artigos, entre outros.
- **Relatório:** É uma descrição detalhada de um evento, situação ou pesquisa. Possui uma estrutura formal e é frequentemente usado em contextos acadêmicos, científicos ou empresariais.

Estas formas são moldadas por convenções sociais e são facilmente reconhecíveis por indivíduos familiarizados com elas.

CANAL DE COMUNICAÇÃO

O canal de comunicação refere-se ao meio pelo qual a mensagem é transmitida. Pode ser oral, como em uma conversa face a face ou uma chamada telefônica, ou escrito, como em um livro, e-mail ou postagem em mídia social. O canal influencia diretamente a forma do gênero textual. Por exemplo, um tweet, limitado a 280 caracteres, terá uma forma muito diferente de um artigo acadêmico.

- Um resumo pode ser apresentado oralmente em uma reunião, escrito em um livro didático ou postado online.
- Uma resenha pode aparecer em um jornal, em um blog ou em um canal de vídeo.
- Um relatório pode ser impresso e entregue fisicamente, enviado por e-mail ou apresentado em uma videoconferência.

O canal influencia a forma e a linguagem do gênero textual.

CONTEXTO COMUNICATIVO

O contexto comunicativo engloba uma variedade de fatores, incluindo os participantes da comunicação, seu propósito, o ambiente cultural e social, e as circunstâncias específicas da situação comunicativa. O contexto dá significado à forma e influencia a escolha e adaptação do gênero textual.

Por exemplo, a forma e o conteúdo de um e-mail profissional serão diferentes dos de uma mensagem de texto enviada a um amigo. Embora ambos sejam gêneros textuais escritos e possam até usar o mesmo canal (um smartphone), o contexto

comunicativo (uma situação profissional versus uma interação social casual) determina a forma e o conteúdo da comunicação.

O contexto envolve os participantes, o propósito da comunicação, o ambiente cultural e as circunstâncias específicas:

- Um resumo feito para colegas de classe pode ser diferente de um destinado a especialistas em uma conferência.
- Uma resenha escrita para um público jovem em uma rede social pode ter um tom e estilo diferentes de uma publicada em uma revista acadêmica.
- Um relatório para um cliente empresarial pode enfatizar dados e resultados, enquanto um para uma instituição acadêmica pode focar na metodologia e discussão.

A INTERRELAÇÃO ENTRE FORMA, CANAL E CONTEXTO

A forma de um gênero textual não é fixa, mas adaptável. Ela pode mudar com base no canal e no contexto. Por exemplo, a forma de contar uma história pode variar se for contada oralmente, escrita em um livro ou postada como uma série de tweets. O canal e o contexto influenciam a escolha das palavras, a estrutura da narrativa e até mesmo os aspectos da história que são enfatizados ou omitidos.

A forma de um gênero textual é adaptável e pode se transformar com base no canal e no contexto. Por exemplo, uma resenha em um blog pode adotar uma linguagem mais informal e pessoal, enquanto em uma revista acadêmica, pode ser mais formal e objetiva.

CONCLUSÃO

A abordagem de Marcuschi sobre gêneros textuais oferece uma visão da linguagem em ação. Ao reconhecer os gêneros como práticas sociodiscursivas, ele nos lembra da natureza dinâmica e contextual da comunicação. Seu trabalho

continua a inspirar pesquisadores e educadores, destacando a importância de entender a linguagem não apenas como estrutura, mas também como prática social.

As perspectivas atuais sobre gêneros textuais destacam sua natureza dinâmica, adaptável e interdisciplinar. À medida que a comunicação continua a evoluir, é essencial que continuemos a revisitar e reavaliar nossas compreensões sobre gêneros textuais, reconhecendo sua complexidade e relevância em um mundo em constante mudança.

Os gêneros textuais são mais do que simples categorias linguísticas; são práticas sociais que refletem e moldam a maneira como nos comunicamos. A relação entre forma, canal e contexto é central para entender como e por que usamos diferentes gêneros em diferentes situações. Reconhecer essa relação é fundamental para a comunicação eficaz e para a análise crítica dos textos que encontramos em nossa vida diária e os gêneros textuais, como resumo, resenha e relatório, são práticas comunicativas que refletem a interação entre forma, canal e contexto. Entender essa inter-relação é crucial para a produção e interpretação eficazes de textos em diversos cenários comunicativos.

Sangaletti, L., Pail, D. B., & Silva, A.D. C. et al. Comunicação e Expressão (2019^a ed.). Grupo A. <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/2>

NÍVEIS DE LINGUAGEM

Os níveis de linguagem são categorias estilísticas que refletem diferentes graus de formalidade na comunicação. Eles surgem da necessidade de adequar a linguagem ao contexto de comunicação, levando em consideração o interlocutor, o canal de comunicação e a intenção do discurso.

- **Formal:** Caracteriza-se pelo uso padrão da língua, evitando coloquialismos, gírias e regionalismos. É frequentemente utilizado em textos acadêmicos, documentos oficiais e comunicações empresariais.
- **Informal ou Coloquial:** É mais solto e flexível, permitindo o uso de expressões idiomáticas, gírias e estruturas gramaticais mais relaxadas. É comum em conversas diárias, mensagens de texto e interações informais.

COESÃO E COERÊNCIA

- **Coesão:** Refere-se aos mecanismos linguísticos que garantem a ligação e continuidade entre as partes de um texto. A coesão pode ser lexical (repetição, sinônimos) ou gramatical (conjunções, pronomes).
- **Coerência:** Está relacionada à organização lógica e semântica das ideias em um texto. Um texto coerente não apresenta contradições e suas ideias estão organizadas de forma lógica e compreensível.

LEITURA INTERPRETATIVA

A leitura interpretativa envolve a capacidade de entender não apenas o que está explicitamente escrito, mas também o que está implícito. Ela requer habilidades cognitivas, como inferência, análise e síntese, e é influenciada pelo conhecimento prévio do leitor, pelo contexto cultural e pela intenção do autor.

CAPÍTULO 2.2

GÊNEROS ACADÊMICOS

GÊNEROS ACADÊMICOS

No contexto acadêmico e educacional, os gêneros textuais desempenham um papel fundamental na construção e disseminação do conhecimento. Dentre eles, o “Resumo” e a “Resenha” destacam-se como ferramentas essenciais para estudantes, pesquisadores e docentes. Enquanto o resumo busca sintetizar as ideias centrais de um texto, a resenha vai além, oferecendo uma análise crítica e avaliativa sobre a obra em questão. Ambos os gêneros, quando bem elaborados, contribuem significativamente para o aprofundamento e a reflexão sobre os temas estudados no ensino superior.

Como ilustração, pois não constarão nas atividades avaliativas, esta unidade apresenta gêneros do universo jurídico, em que três documentos se destacam pela sua relevância e aplicação prática: o “Parecer Jurídico”, a “Petição” e o “Despacho”. O Parecer Jurídico é uma análise técnica e detalhada sobre uma questão de direito, elaborada por especialistas, que visa orientar decisões em entidades públicas ou privadas. Sua estrutura é metódica, abrangendo desde a exposição objetiva dos fatos até uma conclusão fundamentada. Já o Despacho, proferido por um juiz ou autoridade administrativa, aborda questões processuais ou administrativas que surgem durante um processo, sem adentrar no mérito da questão principal. Ambos os documentos, embora distintos em sua natureza e propósito, são pilares essenciais no sistema jurídico, garantindo a ordem, a eficiência e a justiça nas decisões tomadas.

GÊNERO RESUMO

No contexto acadêmico e educacional, os gêneros textuais desempenham um papel fundamental na construção e disseminação do conhecimento. Dentre eles, o “Resumo” e a “Resenha” destacam-se como ferramentas essenciais para estudantes, pesquisadores e docentes. Enquanto o resumo busca sintetizar as ideias centrais de um texto, a resenha vai além, oferecendo uma análise crítica e avaliativa sobre a obra em questão. Ambos os gêneros, quando bem elaborados, contribuem significativamente para o aprofundamento e a reflexão sobre os temas estudados no ensino superior.

Como ilustração, pois não constarão nas atividades avaliativas, esta unidade apresenta gêneros do universo jurídico, em que três documentos se destacam pela sua relevância e aplicação prática: o “Parecer Jurídico”, a “Petição” e o “Despacho”. O Parecer Jurídico é uma análise técnica e detalhada sobre uma questão de direito, elaborada por especialistas, que visa orientar decisões em entidades públicas ou privadas. Sua estrutura é metódica, abrangendo desde a exposição objetiva dos fatos até uma conclusão fundamentada. Já o Despacho, proferido por um juiz ou autoridade administrativa, aborda questões processuais ou administrativas que surgem durante um processo, sem adentrar no mérito da questão principal. Ambos os documentos, embora distintos em sua natureza e propósito, são pilares essenciais no sistema jurídico, garantindo a ordem, a eficiência e a justiça nas decisões tomadas.

CONCEITO DO GÊNERO

O resumo é um gênero textual que apresenta, de forma concisa e objetiva, as ideias principais e mais relevantes de um texto original. Ele permite que o leitor compreenda a essência do conteúdo sem necessariamente ter que lê-lo na íntegra. O resumo não é uma simples cópia de trechos do texto, mas uma reescrita que capta sua essência.

DIFERENÇA DE RESUMO E PARÁFRASE

- **Resumo:** Condensa as ideias principais do texto, eliminando detalhes, exemplos e informações secundárias. O resumo é significativamente mais curto que o texto original.
- **Paráfrase:** É uma reescrita do texto original, mantendo seu tamanho e detalhamento, mas usando palavras e estruturas diferentes. A paráfrase não reduz o tamanho do texto, apenas o reformula.

ESTRUTURAÇÃO DO GÊNERO RESUMO

Um resumo bem estruturado geralmente segue a seguinte estrutura:

- **Introdução:** Apresenta brevemente o tema e o propósito do texto original.
- **Desenvolvimento:** Condensa as ideias principais, argumentos e pontos relevantes do texto.
- **Conclusão:** Recapitula as ideias centrais e apresenta as conclusões ou resultados do texto original.

EXPLICAÇÃO DETALHADA DE CADA PARTE DA ESTRUTURA

- **Introdução:** Deve ser breve e direta, fornecendo ao leitor uma ideia clara do tema e do contexto do texto original. Pode incluir o título do texto original, o nome do autor e a fonte.
- **Desenvolvimento:** É a parte mais extensa do resumo. Aqui, o redator deve ser seletivo, identificando e destacando apenas as ideias e argumentos mais relevantes. Informações secundárias, exemplos e detalhes devem ser omitidos.
- **Conclusão:** Finaliza o resumo, reforçando as ideias principais e apresentando as conclusões do autor do texto original. Deve ser concisa e não introduzir novas informações.

COMO EVITAR GERÚNDIOS NO RESUMO

O uso excessivo de gerúndios pode tornar o texto prolixo e menos objetivo. Em um resumo, a clareza e a concisão são essenciais. Em vez de “O autor está argumentando que...”, prefira “O autor argumenta que...”.

ESCRITA OBJETIVA *VERSUS* ESCRITA SUBJETIVA

- **Escrita Objetiva:** Foca nos fatos, é direta e evita opiniões ou sentimentos pessoais. Usa linguagem clara e precisa. Exemplo: “O estudo mostra que 70% dos entrevistados preferem o produto A.”
- **Escrita Subjetiva:** Reflete opiniões, sentimentos e interpretações pessoais. Pode ser mais emotiva e menos precisa. Exemplo: “Acredito que o produto A é claramente superior e me sinto muito satisfeito com ele.”

No contexto de um resumo, a escrita objetiva é preferível, pois o objetivo é apresentar as ideias do autor de forma clara e imparcial.

O resumo é uma ferramenta valiosa para estudantes, pesquisadores e profissionais de diversas áreas. Ele permite a rápida compreensão de textos extensos e a revisão eficiente de conteúdos. Ao dominar a arte de resumir, o leitor aprimora suas habilidades de síntese, compreensão e expressão escrita.

EXEMPLO DE RESUMO

Texto Fonte: **A Importância da Fotossíntese para a Vida na Terra** Autor: Dr. João Silva, Publicado no Journal of Plant Biology, 2020.

A fotossíntese é o processo biológico pelo qual as plantas, algas e algumas bactérias convertem energia luminosa em energia química. Esse fenômeno ocorre predominantemente nas folhas das plantas, em organelas especializadas denominadas cloroplastos. Estas organelas contêm pigmentos verdes, as clorofilas, que são responsáveis pela captação da energia luminosa. Esta energia é utilizada para transformar dióxido de carbono e água em glicose e oxigênio. A glicose gerada é utilizada como fonte de energia para a planta, enquanto o oxigênio é liberado

para a atmosfera. A equação simplificada da fotossíntese é: $6\text{CO}_2 + 6\text{H}_2\text{O} + \text{luz} \rightarrow \text{C}_6\text{H}_{12}\text{O}_6 + 6\text{O}_2$. Este processo é fundamental para a sustentação da vida no planeta, pois fornece o oxigênio necessário para a respiração dos seres aeróbicos e é a base da cadeia alimentar. Além disso, a fotossíntese tem um papel crucial no ciclo do carbono, contribuindo para a regulação dos níveis de dióxido de carbono na atmosfera.

Resumo: A Relevância da Fotossíntese para os Ecossistemas Terrestres Baseado em: Silva, J. (2020). **A Importância da Fotossíntese para a Vida na Terra**. Journal of Plant Biology.

A fotossíntese, processo biológico realizado por plantas, algas e certas bactérias, é responsável pela conversão de energia luminosa em química. Esta transformação ocorre nos cloroplastos, utilizando a clorofila para produzir glicose e liberar oxigênio na atmosfera. Silva (2020) destaca que a fotossíntese é essencial para a vida, fornecendo oxigênio para seres aeróbicos e atuando na regulação dos níveis atmosféricos de dióxido de carbono.

Neste resumo, a introdução foi estruturada de forma mais acadêmica, mencionando a fonte original do texto.

GÊNERO RESENHA

DEFINIÇÃO SOBRE RESENHA

A resenha é um gênero textual que se caracteriza pela interpretação e avaliação crítica de uma obra, seja ela literária, científica, artística, entre outras. Ela não se limita a um mero resumo, mas sim, busca contextualizar o leitor sobre os principais pontos da obra e oferecer uma análise aprofundada sobre sua relevância, qualidade e significado no contexto em que foi produzida.

A RESENHA CRÍTICA

A resenha crítica vai além da simples descrição da obra. Ela envolve uma análise interpretativa, na qual o resenhista avalia a profundidade, a coerência, a originalidade e a relevância dos argumentos apresentados pelo autor. Esta análise pode abordar tanto a forma (como a obra é apresentada, sua linguagem e estrutura) quanto o conteúdo (o que é discutido e como é discutido).

ESTRUTURA DO GÊNERO RESENHA

Introdução: Esta seção deve capturar a atenção do leitor e fornecer informações essenciais sobre a obra e o autor. Pode-se incluir a relevância da obra no cenário atual e o motivo de sua escolha para resenha.

- **Descrição:** Aqui, o resenhista deve apresentar uma síntese do conteúdo da obra, destacando seus principais argumentos, ideias ou características. É importante manter a objetividade, evitando inserções opinativas.
- **Avaliação Crítica:** É o núcleo da resenha. Deve-se discutir a originalidade da obra, sua contribuição para o campo de estudo, a consistência dos argumentos, a clareza da exposição, entre outros aspectos relevantes.

- **Conclusão:** Uma recapitulação dos pontos discutidos, reforçando a avaliação crítica e sintetizando a opinião do resenhista sobre a obra.

EXPLICAÇÃO DE CADA ELEMENTO DA ESTRUTURA

- **Introdução:** Além de apresentar a obra e o autor, pode-se contextualizar sobre o momento histórico, cultural ou científico em que a obra foi produzida, dando ao leitor uma visão mais ampla sobre sua importância.
- **Descrição:** É essencial que esta seção seja clara e concisa. O objetivo é fornecer ao leitor uma compreensão do conteúdo da obra sem que ele precise lê-la integralmente.
- **Avaliação Crítica:** Aqui, o resenhista deve se aprofundar, apontando evidências da obra para sustentar sua análise. Pode-se comparar a obra com outras do mesmo gênero ou tema, destacando suas singularidades.
- **Conclusão:** Pode-se incluir recomendações, como para quem a obra é indicada e em que contextos ela pode ser mais útil.

A RESENHA COMO GÊNERO DE EXCELÊNCIA NA ACADEMIA

A resenha é amplamente utilizada no meio acadêmico como uma ferramenta de aprendizado e avaliação. Ela permite que os estudantes desenvolvam habilidades de leitura crítica, síntese e argumentação. Além disso, escrever resenhas é uma forma de contribuir para a comunidade acadêmica, orientando colegas e pesquisadores sobre quais obras são mais relevantes em determinado campo de estudo.

A RELAÇÃO RESENHA E ARTIGO CIENTÍFICO

Enquanto a resenha foca em avaliar e interpretar uma obra específica, o artigo científico busca apresentar uma pesquisa original. No entanto, ambos compartilham a necessidade de revisão bibliográfica. Em muitos artigos, a revisão da literatura se

assemelha a uma série de resenhas críticas sobre trabalhos anteriores. Por outro lado, algumas resenhas podem ser tão aprofundadas que se assemelham a artigos, especialmente quando discutem uma obra dentro de um contexto mais amplo, tornando-se um “gênero híbrido”.

RESENHA ACADÊMICA EXEMPLO 1

Referencial Bibliográfico

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 1899.

Resenha:

Em *Dom Casmurro*, Machado de Assis nos apresenta uma das mais enigmáticas e discutidas narrativas da literatura brasileira. Publicado pela primeira vez em 1899, o romance é frequentemente considerado uma das maiores obras do autor e um marco do realismo literário no Brasil.

O livro é narrado em primeira pessoa por Bentinho, também conhecido como Dom Casmurro, que nos conta sua história desde a infância até a velhice. A trama gira em torno de seu amor por Capitu, sua vizinha e amiga de infância, e as suspeitas de traição que permeiam seu relacionamento.

Um dos aspectos mais notáveis da obra é a ambiguidade. Machado de Assis habilmente constrói uma narrativa onde a verdade é constantemente questionada. O leitor é levado a duvidar da veracidade das memórias de Bentinho e a questionar se Capitu realmente traiu seu marido ou se tudo não passa de paranoia do protagonista. O estilo de escrita de Machado de Assis em *Dom Casmurro* é caracterizado por sua ironia sutil e seu profundo insight psicológico. O autor explora os recantos mais obscuros da mente humana, abordando temas como ciúmes, obsessão e a natureza da memória.

Além da trama principal, o livro também oferece uma crítica aguda da sociedade carioca do século XIX, com suas convenções rígidas e hipocrisias. Machado de Assis satiriza a elite brasileira, expondo seus vícios e pretensões.

Em conclusão, *Dom Casmurro* é uma obra-prima da literatura brasileira que desafia e fascina seus leitores há mais de um século. O livro não apenas conta uma história envolvente, mas também nos faz refletir sobre a natureza da verdade e a confiabilidade da memória.

RESENHA ACADÊMICA EXEMPLO 2

Referencial Bibliográfico:

SILVA, Maria L. **A Evolução da Linguística Moderna**. Editora Universitária, 2020.

Resenha:

No livro *A Evolução da Linguística Moderna*, Maria L. Silva apresenta uma análise detalhada e abrangente sobre os principais marcos e transformações da linguística no século XX e início do século XXI. A autora, reconhecida por suas contribuições anteriores na área, mergulha nas correntes teóricas que moldaram a linguística, desde o estruturalismo até as abordagens cognitivas mais recentes.

O primeiro capítulo, intitulado “O Legado Estruturalista”, explora as raízes da linguística moderna, destacando a influência de Ferdinand de Saussure e sua distinção entre *langue* e *parole*. Silva não apenas descreve as ideias centrais do estruturalismo, mas também discute suas limitações e as críticas que levaram ao surgimento de novas teorias.

Nos capítulos subsequentes, a autora aborda o surgimento da gramática gerativa de Noam Chomsky, a revolução cognitiva e a emergência da pragmática como campo de estudo. Um dos pontos fortes do livro é a habilidade de Silva em conectar teorias aparentemente distintas, mostrando como cada uma delas respondeu às questões e desafios de sua época.

O último capítulo, “Linguística Cognitiva e Além”, é particularmente intrigante. Silva discute como as recentes descobertas nas neurociências estão influenciando a linguística e sugere possíveis direções para o futuro da disciplina.

A obra de Silva é notável por sua clareza e profundidade. Ela consegue tornar conceitos complexos acessíveis sem simplificar demais. Além disso, a autora não se limita a apresentar as teorias, mas também oferece uma avaliação crítica de cada uma delas, enriquecendo o debate acadêmico.

Em conclusão, *A Evolução da Linguística Moderna* é uma leitura essencial para estudantes e profissionais da área. O livro não apenas oferece uma visão abrangente da história da linguística, mas também provoca reflexões sobre seu futuro.

GÊNERO ARTIGO CIENTÍFICO

CONCEITO

O artigo científico é um gênero textual que tem como objetivo divulgar resultados de pesquisas e estudos realizados em determinada área do conhecimento. Ele é caracterizado por sua objetividade, clareza e rigor metodológico. Normalmente, é publicado em periódicos especializados e submetido a um processo de avaliação por pares (peer review) antes de sua publicação.

ESTRUTURA

A estrutura de um artigo científico pode variar conforme a área de estudo e a revista em que será publicado, mas, em geral, segue o seguinte padrão:

- **Título:** Deve ser claro e preciso, indicando o conteúdo do artigo.
- **Resumo (Abstract):** Breve síntese do conteúdo do artigo, incluindo objetivos, metodologia e principais resultados.
- **Palavras-chave:** Termos que representam o conteúdo central do artigo.
- **Introdução:** Apresenta o tema, justifica sua relevância e estabelece os objetivos da pesquisa.
- **Revisão da Literatura:** Discussão sobre trabalhos anteriores relacionados ao tema.
- **Metodologia:** Descreve os métodos e técnicas utilizados na pesquisa.
- **Resultados e Discussão:** Apresenta os dados coletados e sua análise.
- **Conclusão:** Sintetiza os principais achados e sugere possíveis implicações ou pesquisas futuras.
- **Referências:** Lista de obras citadas no artigo.

FORMA DE APRESENTAÇÃO

O artigo científico deve ser apresentado de forma clara, objetiva e impessoal. A linguagem deve ser técnica e específica da área de estudo. Gráficos, tabelas e figuras podem ser utilizados para ilustrar e complementar o texto.

TIPO DE DISCURSO

O discurso em um artigo científico é expositivo-argumentativo. O autor expõe informações, dados e resultados, e argumenta com base em evidências e na literatura existente para sustentar suas conclusões.

REVISÃO DA LITERATURA

É a seção do artigo onde o autor discute trabalhos anteriores relacionados ao tema de sua pesquisa. A revisão da literatura serve para contextualizar o estudo, mostrar o que já foi descoberto sobre o tema e identificar lacunas que a pesquisa atual pretende preencher.

CONSTATAÇÃO DE PESQUISA

Refere-se à apresentação dos dados e resultados obtidos na pesquisa. Aqui, o autor mostra o que descobriu, sem interpretar ou analisar os dados.

EXPLORAÇÃO DE RESULTADOS

Nesta seção, o autor analisa e interpreta os dados apresentados, relacionando-os com a literatura existente e discutindo suas implicações. É onde o autor argumenta e tira conclusões com base nos resultados obtidos.

O artigo científico é uma ferramenta essencial para a disseminação do conhecimento na academia. Ele permite que pesquisadores compartilhem descobertas, discutam resultados e contribuam para o avanço da ciência em suas respectivas áreas.

RESUMO ESTENDIDO

DEFINIÇÃO

O resumo estendido é um gênero textual acadêmico que se situa entre o resumo simples e o artigo completo. Ele apresenta, de forma concisa, porém mais detalhada que um resumo tradicional, os principais pontos de uma pesquisa ou estudo científico. O resumo estendido é frequentemente utilizado em congressos, simpósios e seminários, permitindo aos participantes uma compreensão ampla do trabalho sem a necessidade de leitura do texto completo.

CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS

- **Extensão:** Varia entre 3 a 5 páginas, dependendo das normas do evento ou publicação.
- **Estrutura:** Embora mais curto que um artigo, o resumo estendido frequentemente segue uma estrutura similar, contendo introdução, objetivos, metodologia, resultados e conclusões.
- **Ilustrações:** Pode incluir gráficos, tabelas e figuras, desde que sejam essenciais para a compreensão do trabalho.
- **Referências:** Ao contrário do resumo simples, o resumo estendido pode incluir uma lista breve de referências bibliográficas.

ESTRUTURA DETALHADA

- **Título:** Deve ser claro e preciso, refletindo o conteúdo do trabalho.
- **Autores e Afiliações:** Nomes dos autores seguidos de suas instituições e contatos.

- **Introdução:** Breve contextualização do tema, justificando sua relevância e apresentando a problemática investigada.
- **Objetivos:** Descrição clara e concisa dos propósitos do estudo ou pesquisa.
- **Metodologia:** Breve descrição dos métodos, técnicas e procedimentos adotados na pesquisa.
- **Resultados:** Apresentação dos principais achados ou dados coletados.
- **Discussão:** Análise e interpretação dos resultados à luz da literatura existente.
- **Conclusões:** Síntese dos principais pontos abordados e das conclusões alcançadas.
- **Referências:** Lista concisa das principais obras citadas no texto.

FINALIDADE E IMPORTÂNCIA

O resumo estendido é uma ferramenta valiosa no meio acadêmico, pois permite a divulgação rápida e eficiente de pesquisas e estudos. Ele oferece aos leitores uma visão mais aprofundada do trabalho do que um resumo simples, mas sem exigir o tempo de leitura de um artigo completo. Além disso, sua estrutura padronizada facilita a compreensão e a comparação entre diferentes trabalhos apresentados em eventos científicos.

Em resumo, o resumo estendido é uma forma concisa, porém abrangente, de apresentar e divulgar pesquisas e estudos acadêmicos, desempenhando um papel crucial na disseminação do conhecimento científico.

RELATÓRIO

DEFINIÇÃO

O relatório é um gênero textual que tem como principal objetivo apresentar informações coletadas e analisadas durante uma investigação ou estudo sobre um determinado tema. Ele é caracterizado por sua objetividade, clareza e precisão na apresentação dos dados e resultados.

ESTRUTURA

Um relatório típico pode ser estruturado da seguinte forma:

- **Título:** Deve ser claro e preciso, indicando o tema do relatório.
- **Introdução:** Breve apresentação do tema, objetivos do relatório e justificativa da investigação.
- **Metodologia:** Descrição dos métodos e técnicas utilizados para coletar e analisar os dados.
- **Desenvolvimento:** Apresentação detalhada dos dados coletados, análises realizadas e resultados obtidos.
- **Conclusão:** Síntese dos principais pontos abordados, destacando os resultados e suas implicações.
- **Recomendações:** Sugestões ou medidas propostas com base nos resultados do relatório.
- **Referências:** Lista das fontes consultadas durante a elaboração do relatório.

UTILIZAÇÃO

O relatório é amplamente utilizado em diversos campos e contextos, tais como:

- **Acadêmico:** Relatórios de pesquisa, trabalhos de conclusão de curso e dissertações.
- **Profissional:** Relatórios de auditoria, análises financeiras e relatórios técnicos.
- **Científico:** Relatórios de experimentos e estudos de caso.
- **Administrativo:** Relatórios gerenciais e de desempenho.

TIPO DE DISCURSO

O discurso em um relatório é predominantemente expositivo e argumentativo. O autor busca apresentar informações de forma clara e objetiva, utilizando uma linguagem técnica e formal. Além disso, o relatório pode conter argumentações que justifiquem as conclusões e recomendações propostas.

- **Expositivo:** O autor apresenta dados, fatos e informações de forma clara e organizada.
- **Argumentativo:** O autor defende uma ideia, interpretação ou recomendação com base nos dados apresentados.

CONCLUSÃO

O relatório é um gênero textual essencial para a comunicação de informações e resultados de investigações em diversos campos do conhecimento. Sua estrutura clara e objetiva permite que o leitor compreenda facilmente o tema abordado, os métodos utilizados e as conclusões alcançadas. Ao elaborar um relatório, é fundamental garantir a precisão e confiabilidade das informações apresentadas, bem como a clareza e coesão do texto.

ANAMNESE

DEFINIÇÃO

A anamnese é um gênero textual utilizado principalmente na área da saúde, que consiste em um registro detalhado da história clínica de um paciente. Ela é uma ferramenta essencial para o diagnóstico e planejamento terapêutico, pois reúne informações sobre o histórico de saúde, queixas atuais, antecedentes familiares, hábitos de vida, entre outros.

ESTRUTURA

A estrutura típica de uma anamnese inclui:

- **Identificação:** Dados pessoais do paciente, como nome, idade, sexo, profissão, entre outros.
- **Queixa Principal:** Motivo que levou o paciente a buscar atendimento.
- **História da Doença Atual:** Descrição detalhada dos sintomas atuais e sua evolução.
- **Antecedentes Pessoais:** Histórico de doenças, cirurgias, alergias, medicações em uso, entre outros.
- **Antecedentes Familiares:** Doenças presentes na família que podem ter relevância para o diagnóstico.
- **Hábitos de Vida:** Informações sobre alimentação, atividade física, tabagismo, consumo de álcool, entre outros.
- **Exame Físico:** Descrição das observações feitas durante o exame clínico.
- **Hipóteses Diagnósticas:** Possíveis diagnósticos baseados nas informações coletadas.

UTILIZAÇÃO

A anamnese é amplamente utilizada em consultas médicas, psicológicas, fisioterapêuticas, entre outras áreas da saúde. Ela serve como base para o diagnóstico e planejamento terapêutico.

TIPO DE DISCURSO

O discurso em uma anamnese é predominantemente expositivo e descritivo. O profissional busca registrar as informações fornecidas pelo paciente de forma clara e objetiva, utilizando uma linguagem técnica e específica da área da saúde.

RESPONSABILIDADE AUTORAL

A anamnese é de responsabilidade do profissional de saúde que a realiza. É essencial que as informações registradas sejam precisas e verídicas, pois elas influenciarão diretamente no diagnóstico e tratamento do paciente. Além disso, a anamnese é um documento confidencial, e sua divulgação sem consentimento pode resultar em implicações legais.

COMPARAÇÃO: ANAMNESE X RELATÓRIO

- **Definição:** Enquanto a anamnese é um registro da história clínica de um paciente, o relatório é um documento que apresenta informações coletadas e analisadas sobre um determinado tema.
- **Estrutura:** Ambos possuem estruturas definidas, mas enquanto a anamnese foca na história clínica do paciente, o relatório pode abordar diversos temas e é mais flexível em sua estrutura.
- **Utilização:** A anamnese é específica da área da saúde, enquanto o relatório é utilizado em diversos campos e contextos.

- **Tipo de Discurso:** Ambos utilizam um discurso expositivo, mas a anamnese também tem um forte componente descritivo, focado nos sintomas e histórico do paciente.
- **Responsabilidade Autoral:** Em ambos os gêneros, a precisão e veracidade das informações são essenciais. No entanto, a anamnese tem implicações diretas na saúde e tratamento do paciente, tornando sua responsabilidade ainda mais crítica.

GÊNEROS JURÍDICOS

PETIÇÃO

CONCEITO

A petição é um documento formal utilizado no campo jurídico para solicitar algo a uma autoridade, geralmente um juiz ou tribunal. Ela representa a voz do autor (advogado ou parte) perante o Poder Judiciário, expondo fatos, fundamentos jurídicos e o pedido específico.

ESTRUTURA

A estrutura típica de uma petição inclui:

- **Endereçamento:** Indica a quem a petição é dirigida, geralmente um juiz ou tribunal.
- **Qualificação:** Identificação das partes envolvidas (autor e réu), com nome, estado civil, profissão, entre outros.
- **Exposição dos Fatos:** Narração objetiva dos acontecimentos que deram origem à demanda.
- **Fundamentação Jurídica:** Apresentação dos dispositivos legais que amparam o pedido.
- **Pedido:** Especificação clara e precisa do que se deseja obter com a petição. Pode ser acompanhado da indicação do valor da causa, quando pertinente.
- **Provas:** Indicação dos meios de prova que o autor pretende produzir.

- **Requerimentos:** Solicitações adicionais, como a concessão de justiça gratuita, por exemplo.
- **Local, Data e Assinatura:** Indicação do local e data de elaboração da petição, seguidos da assinatura do advogado.

REFERENCIAIS

As petições são baseadas em leis, jurisprudências, doutrinas e outros instrumentos jurídicos. O advogado deve citar os dispositivos legais pertinentes para fundamentar seus argumentos e reforçar a legitimidade de seu pedido.

APLICAÇÃO

A petição é utilizada em diversos contextos jurídicos, tais como:

- **Petição Inicial:** Documento que dá início a um processo judicial.
- **Petição Intermediária:** Solicitações feitas ao longo do processo, como pedidos de produção de provas.
- **Recursos:** Documentos apresentados para contestar decisões judiciais.

RESPONSABILIDADE

A petição é de responsabilidade do advogado que a elabora. Erros, omissões ou informações falsas podem resultar em prejuízos para a parte representada e até mesmo em sanções para o advogado. Além disso, a petição deve ser elaborada com zelo e técnica, respeitando os princípios éticos da advocacia.

TIPO DE DISCURSO

O discurso em uma petição é predominantemente argumentativo. O advogado busca convencer a autoridade sobre a legitimidade de seu pedido, utilizando argumentos lógicos e fundamentos jurídicos. A linguagem é formal e técnica, adequada ao contexto jurídico.

CONCLUSÃO

A petição é um instrumento essencial no campo jurídico, permitindo que as partes apresentem suas demandas e defesas perante o Poder Judiciário. Sua elaboração requer conhecimento técnico, habilidade argumentativa e responsabilidade, dada a importância e as implicações de seu conteúdo.

PARECER JURÍDICO

CONCEITO

O parecer jurídico é um documento técnico elaborado por juristas, advogados ou consultores jurídicos, no qual se analisa uma questão de direito, apresentando uma opinião fundamentada sobre o tema. Ele serve como orientação para tomada de decisões, seja por entidades públicas ou privadas.

ESTRUTURA

A estrutura típica de um parecer jurídico inclui:

- **Relatório:** Apresenta um resumo dos fatos e da questão jurídica que será analisada. É uma exposição objetiva do problema apresentado ao jurista.

- **Fundamentação:** É a parte mais extensa do parecer, onde o jurista analisa a legislação, a doutrina e a jurisprudência relacionadas ao tema. Aqui, o profissional discorre sobre as diferentes interpretações possíveis, os argumentos favoráveis e contrários, e as possíveis consequências jurídicas.
- **Conclusão:** Apresenta de forma clara e objetiva a opinião do jurista sobre a questão analisada, indicando o caminho jurídico recomendado.
- **Local e Data:** Indica o local e a data em que o parecer foi elaborado.
- **Assinatura:** Assinatura do jurista responsável pelo parecer.

REFERENCIAIS

O parecer jurídico baseia-se em três pilares principais:

- **Legislação:** O jurista deve analisar todas as leis, decretos, regulamentos e demais normas legais relacionadas ao tema.
- **Doutrina:** Refere-se aos estudos e comentários de renomados juristas sobre o tema. A doutrina ajuda a entender a interpretação acadêmica das leis.
- **Jurisprudência:** São as decisões anteriores dos tribunais sobre casos semelhantes. A jurisprudência indica como os tribunais têm interpretado a legislação em casos práticos.

APLICAÇÃO

O parecer jurídico pode ser solicitado em diversas situações, tais como:

- Avaliação de riscos em negociações empresariais.
- Orientação para tomada de decisões por entidades públicas.
- Análise de viabilidade de ações judiciais.
- Esclarecimento de dúvidas jurídicas complexas.

RESPONSABILIDADE

A elaboração de um parecer jurídico exige grande responsabilidade. O documento reflete a opinião técnica do jurista e pode influenciar decisões importantes. Erros, omissões ou análises superficiais podem resultar em prejuízos para quem solicitou o parecer e até mesmo em responsabilização do jurista.

TIPO DE DISCURSO

O discurso em um parecer jurídico é predominantemente argumentativo e expositivo. O jurista busca apresentar e justificar sua opinião sobre a questão, utilizando argumentos lógicos e fundamentos jurídicos. A linguagem é formal, técnica e precisa, adequada ao contexto jurídico.

CONCLUSÃO

O parecer jurídico é uma ferramenta essencial no campo do direito, permitindo que indivíduos e entidades obtenham orientações claras e fundamentadas sobre questões jurídicas complexas. Sua elaboração requer conhecimento profundo, análise crítica e responsabilidade.

DESPACHO

CONCEITO

O despacho é uma decisão interlocutória proferida por um juiz ou autoridade administrativa em um processo ou procedimento. Ele não resolve o mérito da questão (ou seja, a controvérsia principal), mas trata de questões processuais ou administrativas que surgem durante o andamento do processo.

ESTRUTURA

A estrutura de um despacho é geralmente concisa e direta, e pode variar dependendo da natureza da decisão. No entanto, os elementos comuns incluem:

- **Identificação:** Referência ao processo ou procedimento em questão, com indicação das partes envolvidas e do número do processo.
- **Relatório:** Breve exposição do pedido ou da questão processual que deu origem ao despacho.
- **Decisão:** Parte dispositiva onde o juiz ou autoridade manifesta sua decisão sobre o pedido ou questão apresentada.
- **Fundamentação:** Embora muitos despachos não sejam fundamentados (por não serem decisões que resolvam questões controversas), em alguns casos, especialmente quando podem causar prejuízo a uma das partes, o juiz pode optar por fundamentar sua decisão.
- **Data e Assinatura:** Indicação da data em que o despacho foi proferido e assinatura do juiz ou autoridade responsável.

APLICAÇÃO

O despacho é comumente utilizado em diversas situações processuais, tais como:

- Determinar a realização de um ato processual, como a intimação de uma das partes.
- Solicitar informações ou esclarecimentos adicionais.
- Decidir sobre pedidos de prorrogação de prazos.
- Encaminhar o processo a outro setor ou instância.
- Entre outras decisões de caráter processual ou administrativo.

RESPONSABILIDADE

O despacho, como qualquer decisão judicial ou administrativa, deve ser proferido com responsabilidade e imparcialidade. Mesmo que não resolva o mérito da questão, um despacho pode ter implicações significativas no andamento do processo, afetando os direitos e interesses das partes envolvidas.

TIPO DE DISCURSO

O discurso em um despacho é predominantemente expositivo e descritivo. O juiz ou autoridade apresenta sua decisão de forma clara e objetiva, sem a necessidade de argumentações extensas. A linguagem é formal e técnica, refletindo a natureza jurídica do documento.

CONCLUSÃO

O despacho é um instrumento jurídico de grande importância no andamento dos processos e procedimentos. Ele garante que as questões processuais sejam tratadas de forma ordenada e eficiente, permitindo que o processo avance em direção à resolução do mérito. Sua elaboração requer conhecimento técnico, atenção e responsabilidade por parte do juiz ou autoridade competente.

CAPÍTULO 2.3

A ESCRITA DO TEXTO

ESCRITA DO TEXTO

A IMPORTÂNCIA DA COESÃO E DA COERÊNCIA NA ESCRITA

A escrita é uma das principais ferramentas de comunicação e expressão do ser humano. Para que um texto seja compreendido de forma clara e eficaz, é fundamental que ele apresente coesão e coerência. Estes dois elementos são pilares essenciais na construção textual, garantindo que as ideias se conectem harmoniosamente e que o conteúdo transmita uma mensagem lógica e consistente.

COESÃO: A ARTICULAÇÃO ENTRE OS ELEMENTOS DO TEXTO

A coesão refere-se à maneira como os elementos linguísticos de um texto se conectam entre si. Ela é a “cola” que mantém as palavras, frases e parágrafos unidos, garantindo fluidez e continuidade ao texto.

- **Pronomes:** São palavras que substituem ou fazem referência a nomes. Por exemplo: “João foi à loja porque ele precisava de sapatos.”
- **Sinônimos:** Permitem evitar repetições, enriquecendo o texto. Exemplo: “A menina é muito estudiosa. A jovem sempre tira boas notas.”
- **Conjunções:** Estabelecem relações de sentido entre orações. Exemplo: “Quero viajar, mas não tenho dinheiro.”

COERÊNCIA: A LÓGICA E A ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS

A coerência está relacionada à forma como as ideias são apresentadas e organizadas em um texto, garantindo que ele faça sentido como um todo. Um texto coerente é aquele em que as ideias se complementam, sem contradições ou ambiguidades.

- **Progressão Temática:** Refere-se à maneira como o tema de um texto é desenvolvido. Um texto coerente apresenta novas informações de forma ordenada, sem saltos abruptos ou repetições desnecessárias.
- **Relações Lógicas:** As ideias em um texto devem seguir uma lógica, seja ela de causa e efeito, temporal, espacial, entre outras.

A COERÊNCIA TEXTUAL SEGUNDO MARIA DA GRAÇA COSTA VAL

Maria da Graça Costa Val, uma renomada linguista brasileira, aborda a coerência textual de uma perspectiva interativa. Para ela, a coerência não é uma característica intrínseca do texto, mas sim o resultado da interação entre o texto e o leitor. Isso significa que a coerência não está apenas “dentro” do texto, mas é construída na mente do leitor à medida que ele interpreta o texto com base em seu conhecimento prévio, seu repertório cultural e suas experiências de vida.

Costa Val argumenta que a coerência é construída por meio de dois processos principais:

- **Continuidade Referencial:** Refere-se à maneira como os referentes (entidades mencionadas no texto) são introduzidos e retomados ao longo do texto. A continuidade é estabelecida através de mecanismos coesivos, como pronomes, sinônimos e expressões nominais.
- **Progressão Temática:** Trata-se da introdução e desenvolvimento de novas informações ao longo do texto. Um texto coerente apresenta novas informações de forma ordenada, garantindo que o leitor possa acompanhar o desenvolvimento do tema.

Maria da Graça Costa Val, em seus estudos sobre coerência textual, destaca a importância da continuidade referencial e da progressão temática para a construção de um texto coerente.

Vamos explorar esses conceitos:

CONTINUIDADE REFERENCIAL

A continuidade referencial diz respeito à maneira como os referentes (as entidades ou conceitos mencionados no texto) são introduzidos e retomados ao longo da narrativa. Isso é crucial para garantir que o leitor possa acompanhar o desenvolvimento do texto sem se perder.

- **Introdução de Referentes:** No início de um texto ou em uma nova seção, novos referentes são frequentemente introduzidos. Por exemplo, “Maria é uma bióloga marinha.”
- **Retomada de Referentes:** Uma vez que um referente é introduzido, ele pode ser retomado usando mecanismos coesivos, como pronomes, sinônimos ou expressões nominais. No exemplo anterior, Maria pode ser posteriormente referida como “ela”, “a cientista” ou “a bióloga”.

A continuidade referencial é essencial para manter a coesão do texto, permitindo que o leitor entenda claramente a quem ou a quê o texto está se referindo em diferentes pontos.

PROGRESSÃO TEMÁTICA

A progressão temática refere-se à introdução e desenvolvimento de novas informações ao longo do texto. Em vez de repetir as mesmas informações, um texto coerente apresentará novos dados ou insights à medida que avança, mantendo o leitor engajado e garantindo que o tema ou argumento central continue evoluindo.

- **Tema e Rema:** Costa Val utiliza os conceitos de “tema” e “rema” para discutir progressão temática. O “tema” é o que já é conhecido ou dado no discurso, enquanto o “rema” é a nova informação que é adicionada. Por exemplo, na frase “O João adora chocolate”, “O João” é o tema (a informação já conhecida) e “adora chocolate” é o rema (a nova informação).
- **Progressão Temática Linear:** Neste tipo de progressão, o rema de uma sentença se torna o tema da próxima. Por exemplo: “Maria é professora. Ela ensina biologia.”

- **Progressão Temática Constante:** Aqui, o tema permanece o mesmo ao longo de várias sentenças ou parágrafos, enquanto o rema continua mudando. Por exemplo: “O João adora chocolate. João também gosta de correr. João viajou para a França no ano passado.”

A progressão temática garante que o texto não fique estagnado e que continue a fornecer novas informações ou insights, mantendo a atenção do leitor e construindo um argumento ou narrativa coerente.

Ambos, continuidade referencial e progressão temática, são fundamentais para a construção da coerência em um texto, garantindo que ele seja compreensível e envolvente para o leitor.

EXEMPLO DE TEXTO COM RECURSOS COESIVOS EM DESTAQUE

João sempre foi um aluno dedicado. Ele adorava ler e estava sempre em busca de novos conhecimentos. Esse jovem tinha uma paixão especial pela literatura brasileira. Tal paixão começou quando ele leu “Dom Casmurro”, uma obra de Machado de Assis. O romance, que narra a história de Bentinho e Capitu, fascinou João. Ele ficou tão impressionado com a narrativa que decidiu explorar outras obras do mesmo autor. Essa decisão levou João a descobrir um universo literário rico e diversificado, repleto de personagens memoráveis e histórias envolventes.

Veja o exemplo abaixo:

A leitura, atividade fundamental para o desenvolvimento intelectual e emocional, não apenas amplia nosso vocabulário e conhecimento, mas também permite que viajemos para mundos desconhecidos e vivamos experiências através das palavras. **Ao cultivá-la** regularmente, **essa** prática pode transformar a maneira como percebemos o mundo ao nosso redor.

Os livros, em particular, têm o poder de nos transportar para diferentes épocas e culturas. **Estes** nos apresentam personagens com os quais podemos nos identificar ou aprender. **Cada página** traz uma nova aventura ou lição, e é **essa** progressão constante que mantém o leitor engajado.

Na educação, a leitura desempenha um papel crucial. **Os estudantes** que a cultivam tendem a ter um desempenho acadêmico melhor. **Eles** são capazes de entender

conceitos complexos com mais facilidade e se comunicar de forma mais eficaz, pois **a mesma** aprimora a compreensão e a capacidade de análise.

Em resumo, a leitura é uma ferramenta poderosa para o crescimento pessoal e acadêmico. **Esta** nos oferece uma janela para o mundo e para a alma humana, enriquecendo nossa vida de maneiras inimagináveis.

COMO OS ELEMENTOS SÃO ABORDADOS

- **Continuidade Referencial:** Este recurso é utilizado para manter a referência a um elemento ou ideia mencionada anteriormente no texto, garantindo que o leitor possa seguir o fio da narrativa sem se perder. No exemplo, palavras como “A leitura”, “Os livros”, “Os estudantes” e “Na educação” são usadas para introduzir um tópico e, em seguida, pronomes ou elipses são usados para referenciar esse tópico ao longo do parágrafo.
- **Elipse:** A elipse é uma figura de linguagem que consiste na omissão de um termo facilmente identificável pelo contexto. No texto, a elipse foi usada ao omitir verbos ou sujeitos que são facilmente inferidos pelo leitor. Por exemplo, “Ao cultivá-la regularmente” omite o sujeito “quem”, mas entendemos que se refere a qualquer pessoa que cultive a leitura.
- **Pronomes Demonstrativos:** Os pronomes demonstrativos, como “esse”, “esta” e “isto”, são usados para indicar algo em relação à posição (temporal ou espacial) do falante e do ouvinte. No exemplo, “Estes” refere-se a “Os livros”, e “essa” refere-se a “A leitura”. Eles ajudam a estabelecer uma relação entre diferentes partes do texto e a guiar o leitor através da progressão temática.
- **Progressão Temática:** Este é um conceito proposto por Maria da Graça Costa Val e refere-se à maneira como as informações são apresentadas e desenvolvidas em um texto. No exemplo, começamos com a importância da leitura em geral, depois nos concentramos nos livros, seguidos pela importância da leitura na educação, e finalmente concluímos com um resumo. Cada parágrafo introduz um novo tópico, mas todos estão interligados sob o tema central da leitura.

Estes recursos são essenciais para garantir que um texto seja coeso e mantenha o leitor engajado do começo ao fim. Eles ajudam a estabelecer conexões entre diferentes partes do texto e a guiar o leitor através da mensagem que o escritor deseja transmitir.

CAPÍTULO 2.4

CURIOSIDADES LINGÜÍSTICAS

APRESENTAÇÃO

Na jornada de comunicação e expressão finalizaremos explorando nuances que enriquecem nossa comunicação. Abordaremos as sutilezas na escolha entre “este” e “esse”, “onde” e “aonde”, bem como as implicações de “ao encontro de” e “de encontro a”. Revisitaremos as regras de acentuação, desvendando as particularidades que definem o correto emprego dos acentos gráficos. Além disso, mergulharemos na colocação dos pronomes oblíquos átonos, desvendando os mistérios da próclise, mesóclise e ênclise, e na sintaxe, compreendendo a estrutura e formação das frases. Estes temas, fundamentais para um domínio avançado do português, nos permitirão comunicar com precisão e elegância.

ESSE/ESTE

ESTE

Utilizado para se referir a algo que está próximo do falante ou que será mencionado no discurso.

Exemplo: “Este livro que tenho em mãos é fascinante. Este ponto que vou abordar é crucial.”

ESSE

Empregado para indicar algo que está mais distante do falante ou que já foi mencionado anteriormente.

Exemplo: “Esse livro que você mencionou é o meu preferido. Esse é o argumento central da discussão.”

ONDE/A ONDE

ONDE

Indica um lugar fixo ou uma situação. Não implica movimento.

Exemplo: “Onde você deixou as chaves? A festa foi onde?”

AONDE

Sugere movimento ou direção.

Exemplo: “Aonde você pretende ir nas férias? Aonde essa estrada leva?”

AO ENCONTRO/DE ENCONTRO

AO ENCONTRO DE

Expressa ideia de concordância, harmonia ou aproximação.

Exemplo: “Sua proposta vai ao encontro das nossas expectativas.”

DE ENCONTRO A

Denota oposição, contrariedade.

Exemplo: “Sua atitude vai de encontro aos princípios da empresa.”

USO DOS PORQUÊS

POR QUE

Empregado em perguntas, sejam elas diretas ou indiretas.

Exemplo: “Por que você não veio? Não entendi por que ela agiu assim.”

PORQUE

Resposta a uma pergunta, indica causa ou motivo.

Exemplo: “Fui embora porque estava cansado.”

PORQUÊ

Substantivo, geralmente acompanhado de artigo.

Exemplo: “O porquê de sua ausência é um mistério.”

POR QUÊ

Usado no final de frases interrogativas.

Exemplo: “Você não veio por quê?”

PRONOMES OBLÍQUOS: PRÓCLISE, MESÓCLISE E ÊNCLISE

PRÓCLISE

Ocorre quando o pronome oblíquo átono é colocado antes do verbo.

Regras:

- **Em frases negativas:** “Não me diga que é verdade!”
- **Com palavras ou expressões que atraem o pronome:** “Talvez se lembre do ocorrido.”
- **Em frases interrogativas:** “Quem te disse isso?”
- **Com conjunções subordinativas:** “Espero que se sinta melhor.”

Exemplo: “Ninguém me viu na festa.”

MESÓCLISE

Ocorre quando o pronome oblíquo átono é colocado no meio do verbo. É mais comum quando o verbo está no futuro do presente ou no futuro do pretérito.

Regras:

- Quando o verbo estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito e não houver palavra atrativa para a próclise.

Exemplo: “Dir-lhe-ei a verdade.” (Futuro do presente)

ÊNCLISE

Ocorre quando o pronome oblíquo átono é colocado após o verbo.

Regras:

- **Em início de frases, títulos ou após pausa:** “Diga-me seu nome.”
- **Com o verbo no infinitivo impessoal:** “Vai ser difícil adaptar-se.”

Exemplo: “Espero vê-lo em breve.”

USO DO HÍFEN CONFORME O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

NÃO SE USA O HÍFEN

- Quando o segundo elemento começa com uma letra diferente da que termina o primeiro: “autoescola”, “semianalfabeto”.
- Quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com “r” ou “s”. Nesse caso, duplicam-se essas letras: “antissocial”, “autorretrato”.

USA-SE O HÍFEN

- Quando o prefixo termina com a mesma vogal com que começa o segundo elemento: “anti-inflamatório”, “micro-ondas”.
- Em palavras formadas por prefixos “circum-” e “pan-” seguidos de palavra iniciada por “m”, “n” ou vogal: “circum-navegação”, “pan-americano”.
- Em compostos que representam espécies botânicas e zoológicas: “couve-flor”, “bem-te-vi”.

MUDANÇAS COM O ACORDO

- Palavras que tinham o hífen e perderam: “bemvindo”, “paraquedas”.
- Palavras que não tinham o hífen e passaram a ter: “ano-luz”, “segunda-feira”.

SÍLABA

Uma sílaba é uma unidade fonética que é pronunciada em um único impulso do aparelho fonador. Em outras palavras, é um conjunto de sons que pronunciamos de uma só vez. A divisão silábica é fundamental para entendermos a estrutura das palavras e, conseqüentemente, suas regras de acentuação.

IMPORTÂNCIA DA ACENTUAÇÃO NA ESCRITA

A acentuação gráfica é um recurso essencial na língua portuguesa, pois ela indica a sílaba tônica das palavras, ou seja, a sílaba que deve ser pronunciada com maior intensidade. Além disso, a acentuação ajuda a diferenciar palavras que possuem a mesma grafia, mas significados e funções diferentes, evitando ambigüidades.

OXÍTONAS

- Definição: Palavras cuja última sílaba é a mais forte ou tônica.

Regras de Acentuação:

a) Acentuam-se as oxítonas terminadas em “a”, “e” ou “o”, seguidas ou não de “s”.

Exemplos: “café”, “sofá”, “parabéns”, “está”, “avô”, “avós”.

b) Acentuam-se as oxítonas terminadas em “em” ou “ens”.

Exemplos: “armazém”, “parabéns”.

PAROXÍTONAS

- Definição: Palavras cuja penúltima sílaba é a mais forte ou tônica.

Regras de Acentuação:

- a) Acentuam-se as paroxítonas que **NÃO** terminam em “a”, “e”, “o”, “em”, “ens”, seguidas ou não de “s”.

Exemplos: “fácil”, “útil”, “júri”, “tórax”, “bíceps”.

- b) Acentuam-se as paroxítonas terminadas em “r”, “x”, “n”, “ps”, “ã(s)”, “ão(s)”, “l”, “i”, “is”, “um”, “uns”, “us”, “x”.

Exemplos: “cárcer”, “tórax”, “hífen”, “bíceps”, “ímã”, “órgãos”, “fácil”, “útil”, “júri”, “álbum”, “álbuns”.

PROPAROXÍTONAS

- Definição: Palavras cuja antepenúltima sílaba é a mais forte ou tônica.

Regras de Acentuação:

- a) Todas as proparoxítonas são acentuadas.

Exemplos: “mágico”, “sílabas”, “público”, “lâmpada”, “máximo”, “cêntimo”, “árvore”, “música”.

CONCLUSÃO

A acentuação gráfica é um instrumento fundamental para garantir a correta pronúncia e compreensão das palavras em português. Ela orienta o falante sobre qual sílaba deve ser destacada na pronúncia e, em muitos casos, é essencial para diferenciar palavras homógrafas, ou seja, palavras que se escrevem da mesma forma, mas têm significados diferentes. A correta utilização dos acentos contribui para uma comunicação clara e eficaz, evitando mal-entendidos e ambiguidades.

OBSERVAÇÕES

- Com o Novo Acordo Ortográfico, algumas palavras perderam o acento diferencial. Por exemplo, “pára” (verbo) passou a ser “para”. No entanto, algumas palavras mantiveram o acento diferencial para evitar ambiguidade, como “pôde” (pretérito do verbo poder) e “pode” (presente do verbo poder).
- O acento circunflexo foi eliminado em palavras paroxítonas com duplo “o” ou “e”. Por exemplo, “vôo” passou a ser “voo” e “enjôo” passou a ser “enjoo”.
- O acento agudo nos ditongos abertos “ei” e “oi” das palavras paroxítonas foi eliminado. Por exemplo, “idéia” passou a ser “ideia” e “heróico” passou a ser “heroico”.

RECURSOS EXPRESSIVOS NA ESCRITA

A escrita, como forma de expressão, não se limita apenas à transmissão de informações. Ela também tem o poder de evocar emoções, criar ritmos e enfatizar ideias. Para alcançar esses objetivos, os escritores utilizam diversos recursos expressivos que enriquecem o texto e capturam a atenção do leitor.

Um dos principais recursos expressivos na escrita é a pontuação. A pontuação não só estrutura o texto, mas também confere nuances de significado, ritmo e emoção. Vamos explorar mais detalhadamente a pontuação expressiva, com especial atenção à vírgula.

PONTUAÇÃO EXPRESSIVA

A pontuação expressiva é aquela que, além de organizar o texto, tem a função de transmitir emoções, pausas expressivas e ênfases. Ela é essencial para a interpretação correta do texto, pois pode alterar significados e intenções.

VÍRGULA (,)

A vírgula é um dos sinais de pontuação mais versáteis e, por isso, um dos mais complexos. Ela tem várias funções:

- a) Enumeração: Usada para separar itens de uma lista. Exemplo: Comprei pão, leite, queijo e café.
- b) Separação de adjetivos: Quando dois ou mais adjetivos qualificam um substantivo. Exemplo: Era uma casa grande, antiga, misteriosa.
- c) Isolamento do aposto: O aposto é um termo que explica ou especifica outro termo. Exemplo: Brasília, capital do Brasil, foi inaugurada em 1960.
- d) Omissão de um verbo: Quando um verbo é omitido para evitar repetição. Exemplo: Ele prefere chocolate; eu, baunilha.

- e) Separação de orações coordenadas: Principalmente quando não são unidas por conjunções. Exemplo: Estudei muito, mas não passei no exame.
- f) Indicação de pausa breve: Em discursos diretos, interjeições ou chamamentos. Exemplo: “Olá, Maria! Como você está?”

PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)

Usado para expressar surpresa, admiração, ordem ou um sentimento forte.

Exemplo: Que belo dia!

PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)

Indica uma pergunta direta ou indireta.

Exemplo: O que você fará amanhã?

RETICÊNCIAS (...)

Sugerem uma interrupção, hesitação ou algo que fica subentendido.

Exemplo: Se ela soubesse...

CONCLUSÃO

A pontuação expressiva é uma ferramenta poderosa na escrita. Ela não só estrutura o texto, mas também dá vida a ele, transmitindo emoções e ritmos variados. A vírgula, em particular, é essencial para a clareza e fluidez do texto, e seu uso correto pode fazer a diferença entre um texto confuso e um texto claro e envolvente. Ao escrever, é crucial estar atento a esses detalhes, pois eles enriquecem a comunicação e garantem que a mensagem seja transmitida da forma desejada.

ESTILO E ESTRUTURA NA ESCRITA

A escrita é uma arte que combina técnica e estilo. Para dominar essa arte, é essencial compreender os fundamentos da estrutura textual e os elementos que a compõem. Vamos mergulhar nesse universo.

TIPOS TEXTUAIS

Os tipos textuais referem-se à estrutura e ao propósito de um texto. São eles:

- a) Narrativo: Relata eventos em uma sequência temporal. Exemplo: romances, contos.
- b) Descritivo: Apresenta características de algo ou alguém. Exemplo: descrição de uma paisagem.
- c) Expositivo: Expõe informações sobre um tema. Exemplo: textos acadêmicos.
- d) Argumentativo: Defende uma ideia ou ponto de vista. Exemplo: artigos de opinião.
- e) Injuntivo: Dá instruções ou comandos.

Exemplo: receitas, manuais.

O USO DO PARÁGRAFO

O parágrafo organiza as ideias em blocos de texto. Cada parágrafo deve conter uma ideia central, desenvolvida por meio de frases relacionadas.

ORAÇÃO E PERÍODO

- a) Oração: É a menor unidade de texto que expressa um pensamento completo. Exemplo: “O sol brilha.”

- b) Período: Pode ser simples (uma oração) ou composto (duas ou mais orações).
Exemplo: “O sol brilha, e as crianças brincam.”

TERMOS DA ORAÇÃO

- a) Sujeito: Quem pratica ou sofre a ação. Exemplo: “Os alunos estudam.”
b) Predicado: Informa algo sobre o sujeito. Exemplo: “Os alunos estudam muito.”

COMPLEMENTOS VERBAIS E NOMINAIS

- a) Objeto Direto (OD): Complementa verbos transitivos diretos. Não necessita de preposição. Exemplo: “Ela ama o mar.”
b) Objeto Indireto (OI): Complementa verbos transitivos indiretos. Necessita de preposição. Exemplo: “Ela gosta de mar.”
c) Complemento Nominal: Relaciona-se a um nome, conferindo-lhe um sentido mais preciso. Exemplo: “A paixão pelo mar é evidente.”

VERBOS: TRANSITIVOS E INTRANSITIVOS

- a) Verbos Intransitivos: Não necessitam de um complemento para terem seu sentido completo. Eles, por si só, já expressam uma ação completa. Exemplo: “O bebê chorou.”
b) Verbos Transitivos: Necessitam de um complemento para completar seu sentido. Eles se dividem em:

Transitivos Diretos (VTD): Não exigem preposição antes do complemento. Exemplo: “Eles compraram o carro.”

Transitivos Indiretos (VTI): Exigem preposição antes do complemento. Exemplo: “Eles gostam de sorvete.”

COMPLEMENTOS VERBAIS

- a) Objeto Direto (OD): Complementa verbos transitivos diretos. Não é introduzido por preposição. Exemplo: “Ela escreveu uma carta.”
- b) Objeto Indireto (OI): Complementa verbos transitivos indiretos. É introduzido por preposição. Exemplo: “Ela precisa de ajuda.”

COMPLEMENTO NOMINAL

É o termo que completa o sentido de um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio), geralmente introduzido por uma preposição. Exemplo: “A confiança no professor é essencial.” (Aqui, “no professor” é o complemento nominal de “confiança”).

TERMOS DA ORAÇÃO EM APLICAÇÃO PRÁTICA

Frase: “O jovem deu um presente à sua namorada no aniversário dela.”

- Sujeito: O jovem
- Verbo: deu
- Objeto Direto: um presente
- Objeto Indireto: à sua namorada
- Adjunto Adverbial: no aniversário dela

CONCLUSÃO

A estrutura das orações na língua portuguesa é rica e variada. Compreender a função e a aplicação de cada termo é fundamental para a construção de textos claros e coerentes. Os verbos, em particular, são a espinha dorsal das orações, e

seus complementos ajudam a especificar e enriquecer o significado. Ao dominar esses conceitos, o escritor ou falante pode se expressar com maior precisão e nuance, elevando a qualidade de sua comunicação.

A escrita é um mosaico de elementos que, quando habilmente combinados, produzem textos claros, envolventes e eficazes. Dominar os fundamentos da estrutura textual é essencial para qualquer escritor, seja ele um romancista, um acadêmico ou um jornalista. Ao entender e aplicar corretamente os tipos textuais, a estrutura dos parágrafos e os termos das orações, é possível criar textos que não apenas informam, mas também emocionam e persuadem. E, no final das contas, é essa a verdadeira arte da escrita.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 2002.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 5. ed. São Paulo: Annablume, 2002.
- BARTHES, R. *O Prazer do Texto*. São Paulo. Elos, 1996.
- BERNARDO, G. *Educação pelo Argumento*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- BRITTO, L. P. L. *A Sombra do Caos: Ensino de Língua X Tradição Gramatical*. Campinas. Mercado das Letras. Associação de Leitura do Brasil. Coleção Leituras no Brasil. 2004
- COLOMER, T.; CAMPS, A. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- FREIRE, P. *A Importância do Ato de Ler*. em três artigos que se completam. São Paulo. Cortez, 2003 .
- FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- GERALDI, J. W. (org.). *O Texto na Sala de Aula*. São Paulo: Ática, 2002.
- GERALDI, J. W. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ISER, W. *O ato da Leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Joannes Kretschmer – São Paulo: Ed. 34, 1996.
- JOUBE, V. O que é a leitura? In: JOUBE, V. *A leitura*. São Paulo: UNESP Editora, 2002, p. 17-33.
- JOUBE, V. *A leitura*. São Paulo: UNESP, 2002.
- KATO, M. A. *No mundo da escrita – uma perspectiva psicolinguística*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- KOCH, Ingedore V. *A Inter-ação pela linguagem*. S.P., Cortez, 1995. pp 9-12
- MESERANI, S. *O intertexto Escolar: sobre leitura, aula e redação*. São Paulo: Cortez, 1998.
- MION, R. A. SAITO, C. H. (orgs.). *Investigação-Ação: Mudando o Trabalho de Formar Professores*. Ponta Grossa: Gráfica Planeta, 2001.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006
- POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.. (Coleção leituras no Brasil)
- SOLÉ, I. Estratégias de leitura. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998
- SOLÉ, I. O desafio da leitura. In: _____. *Estratégias de Leitura*. 6ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, p. 21-31.

- VAL, M. da G. C. V. *Redação e Textualidade*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- VIANA, A. C. (coord.) *et al. Roteiro de redação: lendo e argumentando*. São Paulo: Scipione, 1998. p. 62.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- YUNES, E. Introdução. Leitura, a complexidade do simples: do munda à letra e de volta ao mundo. In: YUNES, E. *Pensar a Leitura: complexidade*. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.
- (Marcuschi, L. A. (2008). Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna.)
- SANGALETTI, L., Pail, D. B., & Silva, A.D. C. *et al. Comunicação e Expressão* (2019^a ed.). Grupo A. <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/2>
- MALINOSKI, Marlei Gomes da Silva. *Comunicação e expressão*. Curitiba, PR: UTP, 2011. 87 p. ISBN 9788579680380 (disponibilizado em ead.utp.br)
- MOYSÉS, C. A. (2016). *Língua Portuguesa* (4^a ed.). Editora Saraiva. <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/978-85-02-63403-9>
- SOLÉ, I. (2014). *Estratégias de leitura* (6^a ed.). Grupo A. <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788584290154>.
- Revista do Programa Doutoral em Didáctica de Línguas da Universidade do Porto. 2017, Vol. 8, p93-110. 18p. <http://web.b.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=0&sid=f8a0e28c-5fa8-4955-b333-085b583ff8a4%40sessionmgr120>
- MEDEIROS, J. B. (2019). *Redação Científica: Práticas de Fichamentos, Resumos, Resenhas* (13^a ed.). Grupo GEN <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788597020328>
- MEDEIROS, J. B., & Tomasi, C. (2010). *Redação Técnica : elaboração de relatórios técnico científicos e técnicas de normalização textual: teses, dissertações, monografias, relatórios técnico-científicos e TCC, 2^a edição*. Grupo GEN <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788522471461>
- GALIAZZI, M.D. C., & Sousa, R.S. D. (2022). *Análise textual discursiva: uma ampliação de horizontes*. (Coleção educação nas ciências). Editora Unijuí. <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/978854190319>

